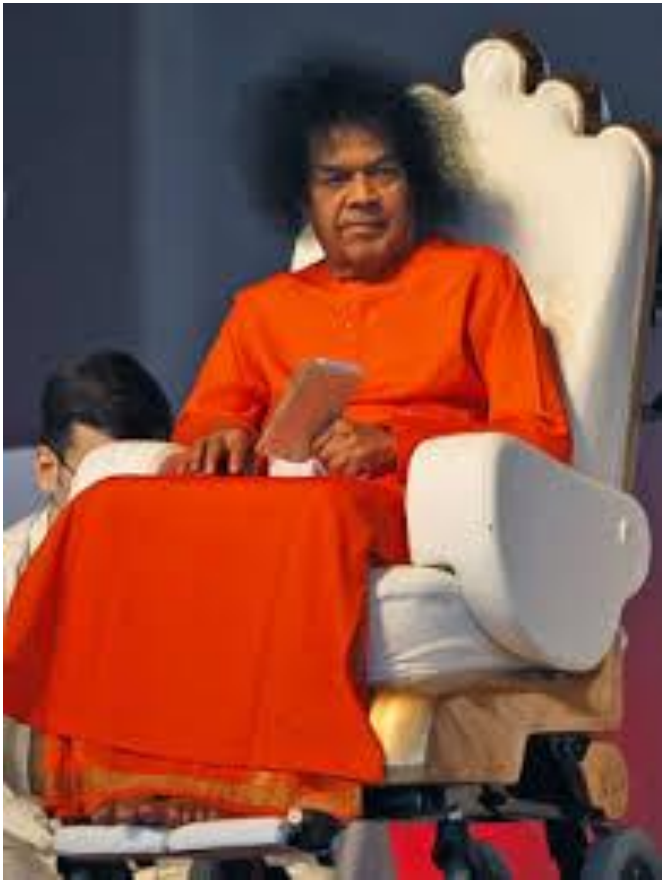
A Ignorância Científica do “Deus” Sathya Sai Baba

Octavio da Cunha Botelho



RESUMO

O estudo seguinte pretende, dentre outros assuntos, mostrar a extemporaneidade, sentida por aqueles familiarizados com as ciências e imunes à credulidade, do fato de deus aparecer na Terra, nos séculos XX e XXI, na figura de Sathya Sai Baba, tal como os seus devotos o consideravam, duas épocas cuja ciência alcançou o seu apogeu na história da cultura humana, de tal modo que podemos dizer que estas são as eras da consolidação da cultura científica e tecnológica, nunca alcançadas antes, porém o deus que surge no século XX é de um flagrante despreparo científico.

PALAVRAS-CHAVES: Sathya Sai Baba, Encarnação Divina, Avātar, Prasanthi Nilayam, Materialização,

ABSTRACT

The following study intends, among other subjects, to show the extemporaneity, felt by those familiar with the sciences and immune to credulity, of the fact that God appeared on Earth, in the 20th and 21st centuries, in the figure of Sathya Sai Baba, just like his devotees considered him, two epochs whose science reached its apogee in the history of human culture, in such a way that we can say that these are the eras of consolidation of scientific and technological culture, never reached before, but the god who emerges in the 20th century is of blatant scientific unpreparedness.

KEYWORDS: Sathya Sai Baba, Divine Incarnation, Avātar, Prasanthi Nilayam, Materialization.

Maio/2024

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

1.1. Introdução…….. 05
1.2. Sua Vida..... 10
1.3. Deus Dissidente Escolar..... 20
1.4. Deus Infartado..... 21
1.5. Deus Erra na Previsão..... 23
1.6. Deus Pedófilo..... 28
1.7. Sai Baba, um Intocável..... 33
1.8. Deus Prestidigitador..... 35
1.9. Deus Cadeirante..... 40
1.10. Deus Ufanista..... 41
1.11. Deus Bilionário..... 46

SEGUNDA PARTE

2.1. Introdução..... 47
2.2. A Ignorância sobre História..... 49
2.3. A Ignorância sobre Astronomia..... 59
2.4. A Ignorância sobre Cosmologia..... 70
2.5. A Ignorância sobre Evolução..... 73
2.6. A Ignorância sobre Cognição..... 77
2.7. A ignorância sobre Emanação..... 80
2.8. A ignorância sobre Etimologia Sânscrita..... 83
2.9. Conclusão..... 85
Obras Consultadas..... 89

Primeira Parte

1.1. Introdução

Apesar de quase todas as religiões se fundamentarem na crença, para alguém que praticou diferentes religiões e conviveu com discípulos heterogêneos, é possível notar a diferença do grau de credulidade dos devotos de uma para as outras. Embora todos os seguidores sejam crentes, é perceptível que, em algumas, os fiéis são mais crédulos do que em outras. De modo que a credulidade não é uma uniformidade entre os seguidores em todas as religiões fundamentadas na crença. Então, quando conhecemos e convivemos com crentes de distintas religiões, é curioso notar o quanto os devotos do santo indiano Sathya Sai Baba (1926-2011)[1] superam os outros crentes em grau de credulidade. Talvez eles sejam os devotos mais crédulos que já existiram. Sathya Sai Baba foi capaz de disseminar uma epidemia de credulidade, pelo mundo afora, até um extremo que outros líderes não conseguiram. Ele conseguiu persuadir até primeiros ministros, presidentes, juristas, cientistas, artistas, esportistas, acadêmicos, etc. (PALMER, 2005: 98). Os delírios de alguns de seus devotos mais deslumbrados são psicóticos, eles o consideravam, e muitos ainda o consideram, como Deus ou, pelo menos, como um

---

[1] A data do seu nascimento em 23 de novembro de 1926 é controvertida, bem como a sua morte em 24 de abril de 2011 é suspeita, uma vez que existe a desconfiança de que ele já estava morto alguns dias antes, mas só foi anunciado o falecimento em 24 de abril, a fim de coincidir com o Domingo de Páscoa, e assim criar um elo entre ele e Jesus. O seu caixão de embalsamento foi encomendado 14 dias antes da data anunciada da sua morte (ver: PRIDDY, 2015).

avātar (encarnação divina). L. Enrique Márquez o avaliou como um megalomaníaco: “Ele nunca pretendeu ser um intermediário do Todo Poderoso, nem um profeta, ou seu filho enviado, menos ainda um escolhido ou um simples servidor. Ele é (era)[2], nada mais nada menos, que o próprio Deus, que todas as religiões intentam revelar”. E, em seguida, mencionou a justificativa de Sai Baba para a sua natureza excepcional: “Se eu tivesse vindo como um simples homem, não teriam respeitado meus ensinamentos, e nem os teriam praticados para o seu próprio bem. Assim, vim nesta forma humana, com

Sathya Sai Baba (1926-2011), talvez o mais bem sucedido guru da história recente, mas foi sempre perseguido por acusações de fraudes e de abusos sexuais.

poderes e sabedoria sobrenaturais” (MÁRQUEZ, 2000: 42-3). Chris Dokter avaliou que “Sathya Sai Baba foi provavelmente o arquienganador de maior sucesso na história recente. E também um dos mais prolíficos molestadores sexuais de meninos e de jovens” (DOKTER, 2023).

---

[2] Este artigo foi escrito antes da morte de Sathya Sai Baba anunciada em 24 de abril de 2011.

Portanto, o estudo seguinte pretende mostrar a extemporaneidade, sentida por aqueles familiarizados com as ciências e imunes à credulidade, do fato de deus aparecer na Terra, nos séculos XX e XXI, duas épocas cuja ciência alcançou o seu apogeu na história da cultura humana, de tal modo que podemos dizer que estas são as eras da consolidação da cultura científica e tecnológica, nunca alcançadas antes, porém o deus que surge no século XX é de um flagrante despreparo científico. Então, somos levados a questionar se deus não conhece a história da evolução cultural da humanidade, e por isso enviou um *avātar* (encarnação divina) desatualizado culturalmente e com precário conhecimento científico. Bem como, questionar se em uma época tão florescente do conhecimento científico e tecnológico, o avanço alcançado pela cientificidade atual merecia um deus encarnado com tão precário conhecimento científico. Pois, a Ciência e a Tecnologia são os dois empreendimentos mais bem sucedidos na história da cultura humana. Será que deus não estava atento a este progresso, e por isso enviou um despreparado?

Estritamente falando, o que Sai Baba fez foi re-encantar a vida e o mundo, retrocedendo a cultura à Idade Média e à Antiguidade. O mundo encantado é aquele no qual tudo acontece mediante um fenômeno mágico ou pela vontade divina. De maneira que, quando vivemos em um mundo encantado, tal como no passado, o mito, a magia, a subjacência divina e a superstição sobrepujam a investigação da realidade, então a realidade é aquilo que o crente acredita, e não o que ela realmente é. Os mais deslumbrados devotos de Sathya Sai Baba viviam, e alguns ainda vivem, em um encantado mundo paralelo. Em um mundo psicótico como este, pode-se acreditar até mesmo que o dia amanhece porque o galo canta (apenas uma

correlação), tal como o conhecido exemplo do *cum hoc ergo propter hoc* (com isto, logo por causa disto, a qual identifica e confunde a correlação com a causalidade entre dois fenômenos, ou seja, nem sempre um fenômeno correlacionado com outro é causa deste outro), e não em função do movimento rotacional da Terra (uma causa astronômica). Portanto, para o devoto deslumbrado, que vive neste mundo encantado, a verdade é o que ele acredita, e não o que a realidade verdadeiramente é. Então, se um devoto delirante acredita que 2 + 2 = 5, isto não é uma ignorância matemática, mas sim porque os outros não são capazes de compreender os mistérios da interferência divina no mundo, em razão da sua limitada inteligência humana, pois mesmo emitindo absurdos científicos, deus nunca está errado. Com isso a Ciência tem uma importância menor que a crença. Então, a verdade é o que se acredita. No passado, quase todos não acreditavam que a Terra girava em torno do Sol, portanto, para muitos, não era uma realidade, porém quando Copérnico derrubou o geocentrismo, provando que é a Terra que gira em torno do Sol, quase todos então passaram a acreditar no heliocentrismo, então o fenômeno se transformou em uma verdade, sendo que, desde o seu surgimento, a Terra sempre girou em torno do Sol. Este é um exemplo de como a realidade não depende da crença, a realidade é o que é, independente de que se acredita ou não, pois a realidade é um fato e não uma crença.

A divindade de Sai Baba está na proporção da credulidade dos seus devotos, ou seja, quanto mais crédulo o devoto, mais divino Sai Baba é. Fora da credulidade, Sai Baba foi tão humano e vulnerável quanto qualquer outro cidadão do mundo. Os infortúnios na sua vida (AVC, ataques cardíacos, acidente, paralisia, brusca perda de peso [até 30 kg], escândalos,

denúncias, etc.) são exemplos da sua vulnerabilidade humana e da ausência divina nele. De modo que existe uma nuança entre os devotos, que se estende desde os devotos deslumbrados, que acreditam que Sai Baba foi deus, ou a encarnação do próprio deus, os moderados que acreditam que ele foi apenas um homem divino, até os mais prudentes que acreditam que ele foi apenas um homem espiritualizado.

Sathya Sai Baba jovem, ainda sem a habitual cabeleira, a qual o notabilizou.

Sua popularidade cresceu ao ponto de ser considerado, por muitas estatísticas, como o mais bem sucedido santo-deus da Índia, sobretudo entre os falantes da língua inglesa e os religiosos das classes média e alta. Consequentemente, recebeu frequentes

acusações de favorecer somente os ricos e os poderosos, como também teve muitos detratores, sendo repetidamente acusado de autor de fraudes. Mesmo assim, “justifica ranqueá-lo entre as mais importantes personalidades religiosas da Índia moderna” (BABB, 1991: 160). Ele foi um santo da era do jato, por isso era frequentemente visto em automóveis e em aviões, viajando para encontrar os seus muitos seguidores pelo continente indiano. Lawrence A. Babb denominou o seu estilo assim: “uma impressionante exibição de santidade modernizada” (BABB, 1991: 160). O que auxiliou muito no rápido e extenso crescimento da popularidade do Movimento Sai Baba foi o ímpeto propagandista dos seus devotos fanatizados.

Uma constatação de alguém que frequentou cultos de diferentes religiões por muitos anos, mas foi capaz de manter uma mente crítica, é o fato de que, com o tempo, este praticante se cansa de ouvir relatos e mais relatos de milagres e de curas. Porém, nenhuma excepcionalidade acontece na sua presença, deixando-lhe a ideia de que tudo que acontece, de fato, é natural e humano. Esta experiência de decepção de convivência com os círculos dos devotos de Sai Baba não era diferente, apontando para a suspeita de quanto de delírio poderia estar envolvido, ou pode estar ainda hoje, no testemunho dos seus devotos deslumbrados e fanatizados.

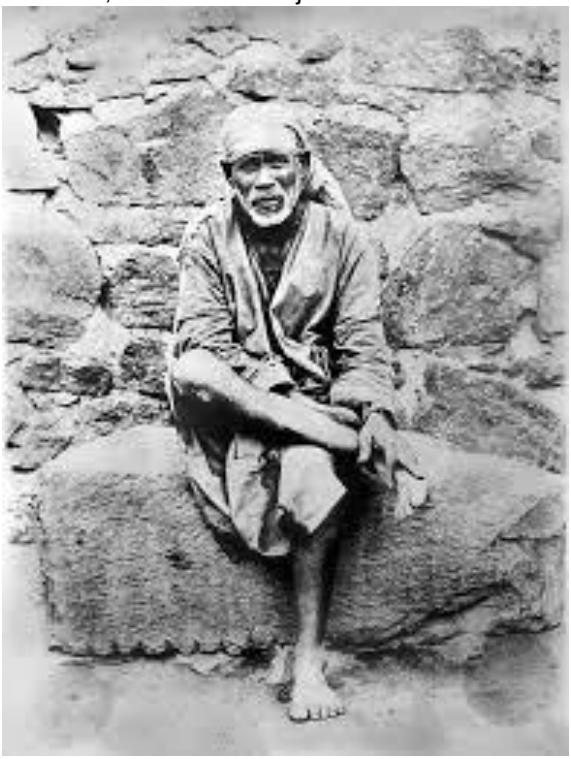
1.2. Sua Vida

Uma biografia de sua vida e de seu *modus vivendi* escrita por um devoto próximo não existe. Tudo que temos dos relatos da sua vida são bajulações hagiográficas, portanto impossíveis de situá-lo dentro da história (BABB, 1991: 161; PALMER, 2005: 99 e SRINIVAS, 2013: 626). “... relatos dos devotos

constroem uma completa e complexa biografia mítica para ele" (SRINIVAS, 2013: 626). O número de biografias escritas por seus devotos deslumbrados é grande, segundo Tulasi Srinivas: "Sathya Sai Baba foi tema de um número de biografias (342 até hoje). Todos os registros do início da sua vida foram efetivamente apagados, assim a hagiografia é a sua biografia. Nenhum registro do seu nascimento existe e a casa onde ele nasceu foi substituída por um templo ao deus Shiva. Sua mãe e seu pai faleceram há muito tempo. Suas irmãs vivem em Puttaparthi e são próximas a ele, de maneira que elas não falam com pessoas de fora do Movimento" (SRINIVAS, 2013: 626). Lawrence A. Babb observou: "os escritos de sua biografia pessoal e do seu modo de vida estão enterrados abaixo de camadas após camadas de hagiografia (...) nenhum relato objetivo da vida de Sathya Sai Baba foi escrito por alguém próximo a ele. (BABB, 1991: 161). "O observador pode conhece-lo apenas através dos olhos dos seguidores" (PALMER, 2005: 98). Mais delirantes ainda são os relatos mitológicos dos seus primeiros anos de vida, quase tudo escapole da história, com poucas inclusões de fatos verídicos (as mitologias mais lidas, confundidas com história por seus devotos, são: KASTURI, 2008: vols. I, II, III e IV; e NARASIMHAMURTHY, 2008, vol. V, uma coleção que relata sua vida até 1975). A ficcionalidade é tanta que "nenhum Sathya Sai Baba supostamente real pode ser mais real do que um personagem imaginado em ficção. Tudo que é disponível são suas superficialidades públicas, sua pessoa como formalmente apresentada como um objeto para as atitudes devocionais de seus seguidores. Mas, o Sathya Sai Baba humanamente real não é do maior interesse em qualquer caso"" (BABB, 1991: 161-2). A bajulação é tanta que Norris W. Palmer avaliou que "a bajulação hagiográfica nunca foi tão completa", ou seja, é difícil

encontrar um religioso mais bajulado que Sathya Sai Baba. Então, ele falou da “impenetrabilidade para se conhecer a vida real de Sai Baba” (PALMER, 2005: 99).

Informações objetivas e imparciais sobre a sua vida só são possíveis de serem encontradas a partir do momento em que Sai Baba adquiriu fama nacional e internacional, com isso foi objeto de notícias e de



O santo Sai Baba de Shirdi (1838?-1918), de quem Sathya Sai Baba dizia ser a reencarnação.

reportagens em jornais, em revistas, em documentários, em entrevistas e, mais recentemente, na Webb. Antes

desta época, tudo é mitologia ou informações de devotos deslumbrados, com muito pouco que pode ser extraído como história. Portanto, o máximo que podemos extrair dos materiais disponíveis, escritos por seus devotos, consistem em um núcleo de poucos fatos históricos cercados por uma porção muito maior de elaborações. Sendo assim, a confiabilidade para um historiador ou para um biógrafo então é mínima. Enfim, tudo que foi escrito por seus devotos, sobre sua vida, foi feito com o propósito de despertar a devoção nos leitores ou de aumentar a devoção nos já seguidores. Pois, na visão do seu séquito, "o mais interessante Sathya Sai Baba, e em um sentido o mais real também, é aquele que é adorado por seus devotos (BABB, 1991: 162), uma vez que ele não era um ser humano, mas sim uma encarnação divina (avātar), ou mesmo, o próprio deus. De modo que, as extravagâncias da hagiografia não são impedimento para se conhecer quem foi Sai Baba, mas, ao contrário, uma importante ajuda para descobrir quem ele era.

Tal como visto da perspectiva dos seus devotos, tudo na sua vida foi marcado por sinais, por presságios, por magias, por predestinações e por cumprimento de profecias. Cada movimento de Sai Baba era interpretado como altamente significativo e sobrenatural. Do pequeno núcleo histórico do início da sua vida, é possível extrair que ele nasceu em 23 de novembro de 1926 (KASTURI, 2008: vol. I, 10 e MÁRQUEZ, 2000: 42), com o nome de batismo de Ratnakaram Satyanārāyana Raju, ele foi o caçula de quatro filhos, no vilarejo de Puttaparthi, no estado de Andhra Pradesh, sul da Índia. A versão mitológica da sua vida relata que seu nascimento foi cercado por milagres. As cordas de uma tambārā (instrumento musical), a qual estava dependurada na parede da casa, foram arrancadas por uma força mágica, logo antes do seu nascimento, e uma serpente misteriosa apareceu sob o berço da criança recém

nascida (fato que comprova a insegurança da casa onde nasceu), sugerindo o símbolo hindu do leito na forma de serpente (Sesha) do deus Vishnu (KASTURI, 2008: vol. I, 10). Também, que durante a sua infância, ele exibiu muitos sinais de sua personalidade muito especial. Ele era incomumente inteligente, embora "não há evidência de que ele jamais se destacou como um bom estudante. Durante os seus anos de escola, seus principais interesses parecem ter sido cantar bajans (cantos devocionais) e atuar em dramas da cultura tradicional da Índia" (BABB, 1991: 162-3). Aqui pode estar o motivo da sua escolaridade rudimentar. As fontes das habilidades mágicas de Sathya Sai Baba foram apontadas por L. Enrique Márquez em razão do seu envolvimento, desde criança, com a mágica, pois ele "não só conhecia os jogos de magia, senão também a ventriloquia[3] e as sombras chinesas[4]. Como não fosse suficiente, seu tio paterno era mágico e pode ter aprendido também algo com ele" (MÁRQUEZ, 2000: 43). Estas habilidades mágicas podem ter o capacitado a executar, no futuro, truques de mágica que pareceram milagres.

Uma grande mudança aconteceu em sua vida, quando em março de 1940, com apenas treze nãos de idade, ele foi picado por um escorpião, "embora nenhum escorpião ou serpente foi encontrado" (PALMER, 2005: 100; o próprio Sai Baba confessou que não havia escorpião em um discurso de 23 de fevereiro de 1958: "de fato, não havia escorpião de modo algum"), e começou a surtar (outro exemplo da descuidada

---

[3] A capacidade de falar movendo muito pouco os lábios, utilizada nos teatros com bonecos, a fim de parecer que são os personagens que falam.

[4] Teatro de sombras com as mãos, com a intenção de projetar em uma tela ou em uma parece clara, as figuras que pareçam personagens da peça.

manutenção da sua casa). Ele se recuperou rapidamente, mas então começou a se comportar muito estranhamente. Longos períodos de silêncio deram lugar a choros, risadas e desmaios, bem como interesses em cantar e em recitar escrituras. Os médicos não conseguiram resolver o problema, então exorcismo foi empregado (sinal do alto grau de superstição da cultura local), mas sem sucesso. Finalmente, em uma manhã de maio de 1940, ele se levantou e começou a materializar objetos para os membros da família e para os vizinhos. Seu pai foi chamado, pensando que aquilo era obra do demônio, ameaçou Sai Baba com um pedaço de pau. Então Satyanārāyana (o futuro Sathya Sai Baba) se revelou: "Eu sou Sai Baba, eu pertenço ao Apastamba Sūtra (um conjunto de códigos de leis religiosas dos hindus – a identificação com este código de leis não faz muito sentido), sou da linhagem espiritual do sábio Bharadwaja.[5] Eu sou Sai Baba, eu vim para remover todos os seus problemas, manter a casa limpa e pura. Esta foi a primeira vez que Satyanārāyana Raju (o futuro Sathya Sai Baba) declarou explicitamente sua verdadeira identidade" (BABB, 1991: 163). L. Enrique Márquez avaliou esta experiência como um "delírio histérico-compulsivo" (MÁRQUEZ, 2000: 42). Em 20 de outubro de 1940, ele então decidiu: "Eu estou partindo, eu não pertenço a vocês. Maya (ilusão) foi-se. Meus bhaktas (devotos) não podem esperar mais", então ele deixou seu lar (SRINIVAS, 2013: 627).

Esta identificação com Sai Baba revelada por Satyanārāya Raju (futuro Sathya Sai Baba) refere-se ao austero e recluso santo, com muitos seguidores no estado de Maharastra, que ficou conhecido pelo nome de Shirdi Sai Baba (ou Sai Baba

---

[5] A referência é obscura, uma vez que existiram muitos Bharadwajas no Hinduísmo (ver: BABB, 1991: 163n4).

de Shirdi), uma vez que viveu no então vilarejo de Shirdi, ao sul de Mumbai (MÁRQUEZ, 2000: 42). Um santo que era filho de pais brâmanes, mas foi criado por um faquir mulçumano, viveu quase a vida toda em uma mesquita abandonada, após ser expulso de um templo hindu, portanto um estilo de vida muito diferente da confortável e da luxuosa vida de Sathya Sai Baba. Em seguida, esta mesquita foi transformada em um templo, o qual é atualmente muito visitado por seus devotos. Ele faleceu em 1918 (BABB, 1991: 164). Seus ensinamentos são um encontro de ideias hindus e mulçumanas.

A veneração por Sathya Sai Baba era extrema, seus devotos o consideravam como Deus.

Em outubro de 1940, com quase 14 anos de idade, Sathya Sai Baba decidiu abandonar sua casa para então se dedicar exclusivamente à sua predestinada missão divina e, com isso, passou a aceitar seguidores. Ele alegou, até o fim da sua vida, que era a

reencarnação de Shirdi Sai Baba, por isso o adorou e lhe prestou muitas homenagens. Alguns exemplos foram os supostos milagres de materialização de objetos com a imagem de Shirdi Sai Baba. Entretanto, nem todos os devotos de Shirdi Sai Baba aceitaram ou aceitam que Sathya Sai Baba é a reencarnação de Shirdi Sai Baba (MÁRQUEZ, 2000: 42), por isso chamam este último de "The True Sai Baba" (o verdadeiro Sai Baba). Um policial, que era devoto de Shirdi Sai Baba, muito versado na tradição deste recluso santo, ao saber da declaração de Satyanārāyana, de que ele era a reencarnação do santo de Shirdi, a avaliou como um caso claro de desarranjo mental e, em seguida, aconselhou os seus familiares a conduzirem Sathya para uma internação hospitalar (PALMER, 2005: 100). Apesar da discordância de muitos, Sathya Sai Baba insistiu neste fato pelo resto da sua vida.

Depois, em 1963, ele fez outra revelação impressionante, alegando que ele não era somente a reencarnação de Shirdi Sai Baba, mas também um avātar do deus Shiva e, como avatar, o próprio Shiva em si (PALMER, 2005: 101). Segundo ele, aparecerão neste mundo três Sai Babas, o primeiro foi Shirdi Sai Baba como encarnação de Shiva apenas; o segundo ele, Sathya Sai Baba, como encarnação de Shiva e de Shakti juntos, e o terceiro será Prema Sai Baba como a encarnação de Shakti apenas (BABB, 1991: 165-6 e PALMER, 2005: 101), ou seja, ele era uma encarnação divina mais completa que os outros dois, pois reunia Shiva e Shakti. Ele era a divindade de todas as religiões, ele não era visto, por seus devotos fascinados, como apenas uma presença divina, ele era a presença divina, ele era o Deus-homem, a divindade infinita, por isso onipresente, onipotente e onisciente. Sendo assim, ele conhecia tudo sobre cada um de nós, incluindo o que cada um necessitava. Portanto, sempre quando Sai

Baba parecia errado ou malevolente, éramos nós, com nossa limitada compreensão, que não éramos capazes de entender a sua transcendência.

Na ocasião, quando Sai Baba ainda estava vivo, os seus devotos deslumbrados diziam que, se alguém olhasse atentamente para a vida e para as obras de Sai Baba com um coração aberto e uma mente aberta, então apenas uma conclusão seria possível: Sai Baba era divino, isto é, onisciente, onipresente, onipotentes e, o que era mais importante, ele era todo-amoroso. Bem, a sugestão de que devemos “olhar e ouvir a pregação religiosa com uma mente e um coração abertos”, é um argumento que não foi pregado apenas pelos devotos de Sai Baba, mas foi, e ainda é, comum nos sermões e na propaganda de muitas religiões proselitistas. Desde a perspectiva da Psicologia da Persuasão, o que os pregadores e os propagandistas da religião estão querendo dizer com “olhar atentamente para a vida e para as obras de Sai Baba com uma coração aberto e uma mente aberta” é uma abertura para a penetração da persuasão e da influência no observador. Quanto mais se abre a mente para uma mensagem persuasiva, sem antes investigar e refletir sobre a mesma, mais vulnerável o observador, o ouvinte ou o leitor se tornam. Para os pregadores e para os propagandistas, esta abertura é interessante, pois facilita a penetrabilidade da mensagem no observador, no ouvinte e no leitor. De modo que, aqueles que mais abrem a sua mente são os que mais facilmente e fortemente são persuadidos e sugestionados. Esta abertura é o motivo pelo qual os religiosos fascinados não conseguem perceber o efeito da persuasão em suas mentes. Para perceber esta penetração da persuasão e da sugestão, é preciso que o fiel ou o devoto desenvolva uma introspecção capaz de perceber o mecanismo de vulnerabilidade à persuasão da sua mente, para então reconhecer o efeito

da persuasão e da fascinação em si mesmo. Portanto, um conselho seria o de que ao invés de praticarem a habitual reflexão sobre a mensagem da pregação, ou se fascinarem com os encantamentos, os fiéis e os devotos deveriam praticar a introspecção, a fim de desenvolverem o *insight*[6] e, então, perceberem o efeito da persuasão, da sugestão e da fascinação em suas mentes e nos seus comportamentos.

Sai Baba em seus últimos anos de vida, envelhecido, emagrecido e com menos cabelo, ele profetizou que morreria aos 96 anos de idade e com aparência jovem.

Então, partir dos anos 1970, Sathya Sai Baba se tornou mais conhecido nacionalmente, depois internacionalmente, com isso foi possível encontrar

[6] No sentido psicológico da capacidade de alguém reconhecer as deformações que os seus pensamentos e os seus sentimentos introduzam na realidade, ou seja, é a capacidade de alguém avaliar de modo objetivo o próprio comportamento, através da auto observação. Em linguagem popular, algo como “ligar o desconfiômetro”.

informações de fontes fora da propaganda dos seus devotos deslumbrados, através da imprensa e de autores neutros, as quais nos mostrou que a sua vida não era tão maravilhosamente mitológica, pois alguns infortúnios lhe ocorreram e os indícios de fraudes cresceram. Portanto, apesar da enorme quantidade de escritos bajulatórios, os quais podem não reproduzir a realidade, somos capazes, a partir daquela década, de aproveitar relatos de fontes de fora da versão elogiosa dos seguidores, para então elaborar um quadro mais completo e mais realístico da sua vida, da sua personalidade e do seu caráter.

1.3. Deus Dissidente Escolar

Embora ele fosse elogiado por seus hagiógrafos como “incomumente inteligente”, bem como “intelectualmente dotado”, ele aparentemente não foi um aluno brilhante. Mais do que o foco nas lições escolares, ele voltou seus interesses e suas energias nas direções que o transformou em um guru-mirim. Ele foi, segundo os relatos bajulatórios, muito interessado e aparentemente hábil em cantar e compor cantos devocionais (bhajans), atuar em peças da mitologia hindu e materializar objetos de forma brincalhona para seus amigos (muito provavelmente truques de mágica). Pois, além de estudar em uma desprovida escola nos confins do sul da Índia, na primeira metade do século XX, ele abandonou a escola prematuramente aos treze anos de idade para cumprir a sua missão divina, então aqui estão duas provas da sua incompletude educacional.

Se Sathya Sai Baba fosse submetido ao exame PISA (*Programme for International Student Assessment* – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), certamente o resultado o colocaria entre os piores, uma vez que abandonou a escola ainda na adolescência,

estudou em uma rústica escola em um então atrasado vilarejo indiano, na primeira metade do século XX, o que o impediu de avançar nos estudos e, até mesmo, de cursar uma universidade. Michelle Goldberg definiu assim o estado (Andhra Pradesh) onde Sai Baba nasceu e estudou: "...um estado desesperadamente pobre em um país desesperadamente pobre" (GOLBERG, 2001). As absurdidades científicas ditas em seguida por Sai Baba, durante a sua vida adulta, presentes em seus discursos e nos livros de sua autoria, revelam a sua precariedade escolar. Tal como veremos nas páginas abaixo, o curioso é que, mesmo nas edições seguintes destes textos, os absurdos científicos e históricos não foram removidos ou corrigidos. Afinal, quem ousa corrigir o que deus disse ou escreveu?

Ensinar através de palavras simples e compreensíveis a todos, tal como fez Sai Baba, é uma coisa, porém, muito diferente é ensinar anacronismos históricos e absurdidades científicas em razão do desconhecimento dos assuntos. Quando não se conhece um tema, o mais prudente é omitir informações e opiniões. Pois, é possível escrever com simplicidade de compreensão sem cometer graves erros científicos, tal como fizeram e ainda fazem muitos autores e palestrantes. Simplicidade na comunicação não é o mesmo que ignorância temática.

1.4. Deus Infartado

Se você pensa que deus não está submetido ao AVC e ao ataque cardíaco, então você está enganado, pois estes infortúnios aconteceram até com o deus encarnado Sathya Sai Baba. Em 1963, ele foi vítima de um AVC e de quatro ataques cardíacos, os quais o deixaram temporariamente paralítico de um lado do corpo. Lawrence W. Babb descreveu a tragédia assim:

“Na manhã de 29 de junho de 1963, enquanto estava no ashram, Sathya Sai Baba teve outro ataque. Uma testemunha, seu auxiliar próximo, N. Kasturi, descreveu assim: O rosto contraiu-se e os músculos arrastaram a boca para a esquerda... a língua relaxou. O olho esquerdo pareceu ter perdido a visão. Um médico, que foi chamado para o local, diagnosticou o mal como meningite tubercular. O santo acometido estava no que parecia ser um coma por algum tempo, embora houvessem momentos em que ele estava pelo menos consciente o bastante do ambiente para recusar injeções e se comunicar com seus devotos aflitos por meio de gestos e por poucas palavras indistintas” (BABB, 1991:

165).

Agora, o teatral foi que ele, algum tempo depois, certamente quando já estava recuperado, convocou um evento espetacular, no qual ele, diante de milhares de pessoas, reunidos em sua sede no Prashanti Nilayam, os quais rezavam por sua recuperação, realizou mediante uma encenação milagrosa a sua própria cura da paralisia perante aquela multidão. Um espetáculo de cura comovente, mas, certamente, fraudulento. Depois destas ocorrências, ele proferiu discursos aconselhando os devotos de como se prevenirem de ataques

cardíacos. O que extraímos desta experiência acima é que ela poderá ser um consolo para os humanos infartados, uma vez que, até deus está sujeito ao infarto.

1.5. Deus Erra na Previsão

Se os profetas erram em suas profecias, era de se esperar que, pelo menos, deus não errasse, pois é omnisciente. Entretanto, deus também está sujeito a errar em suas previsões, pois foi o que aconteceu com Sathya Sai Baba, o qual uma vez profetizou que "morreria na idade de 96 anos, mas seu corpo ficará jovem até então" (BABB, 1991: 166 e Palmer 2005: 101). Entretanto, o que aconteceu no fim da vida de Sathya Sai Baba foi muito diferente do profetizado. Primeiro, ele não morreu na idade de 96 anos, mas sim na idade de 84 anos, em 24 de abril de 2011, portanto, 12 anos antes da idade profetizada. Segundo, seu corpo não estava jovem na época do falecimento, pelo contrário, estava envelhecido, com menos cabelos e se locomovendo através de uma cadeira de rodas, em virtude de um acidente em 2003, quando fraturou a coluna e ficou paralítico, tal como é possível confirmar nas fotos e nos vídeos dos últimos anos de vida.

Para justificar este desacerto profético, os seguidores de Sai Baba buscaram imediatamente uma explicação. Sri Philip M. Prasad justificou assim: "O que Baba previu estava na verdade correto. De acordo com o calendário romano, ele completou 85 anos[7]. Mas, pode-se notar que geralmente em todos os discursos de Baba, Baba se referiu ao critério estrelar (lunar) nos cálculos. Na astrologia indiana existem 27 estrelas em

---

[7] Ele nasceu em 23 de novembro de 1926 e morreu em 24 de abril de 2011, portanto não tinha ainda completado 85 anos, mas estava ainda com 84 anos na ocasião da sua morte.

um mês, começando com Aswathy e terminando com Rewathy. Consequentemente, um anos de 12 meses é composto de 324 dias. Sai Baba nasceu em 23 de novembro de 1926. Daquele dia até o dia da sua morte em 24 de abril de 2011 houve um total de 33.899 dias. Se este for dividido por 324, nós chegamos a 95 anos e 54 dias. Consequentemente, mediante o critério estrelar (lunar) de cálculo, ele estava em seu 96º ano, tendo completado 54 dias quando ele deixou seu corpo físico" (Malayalam Dairly, Índia, 25 de Abril de 2011).

Flagrante da queda de um torrão de cinza utilizado por Sai Baba para os truques de materialização, fato que despertou a desconfiança dos seguidores.

Primeiro, é preciso esclarecer que o ano do calendário pode ser diferente o ano astronômico, de modo que o conceito de ano no calendário e na astronomia é distinto. A rigor, não existe ano astronômico com 324 dias, tal como no calendário lunar, pois a Terra leva 365 dias, 5 horas e 48 minutos[8] para efetuar uma órbita completa em torno do Sol, em uma velocidade de 107 mil km/h. Sendo assim, os calendários solares (Gregoriano e Juliano) são mais exatos astronomicamente. Os calendários lunares foram elaborados em uma época quando se tinha um

[8] Devido às 5 horas e 48 minutos excedentes, é preciso corrigir o calendário solar a cada 4 anos, então, para tanto, foi criado o ano bissexto, com 29 dias em fevereiro.

rudimentar conhecimento astronômico, por isso a imprecisão.

Uma vez que os discípulos deslumbrados de Sai aba nunca verificam a veracidade das pregações do seu guru divino, Robeert Priddy verificou e constatou que, quanto à justificativa de que “geralmente em todos os discursos de Baba, Baba se referiu ao critério estrelar (lunar) nos cálculos”, Priddy contestou que esta explicação, ao contrário, não corresponde aos cálculos utilizados nos discursos de Sai Baba, através da demonstração de que ele se referiu ao calendário solar, e não ao lunar,[9] nos cálculos da sua idade e da sua morte. Ele assegurou que “não existem discursos publicados em qualquer lugar onde ele usou qualquer sistema de cálculo baseado em meses ou em anos lunares” (PRIDDY, 2011b). Veja as seguintes provas com base nos discursos:

“Eu estarei nesta forma mortal por mais 59 anos e eu certamente alcançarei o objetivo deste avatar[10], não duvide disto” (Discurso de 29.09.1960), portanto, 1960 + 59 = 2019, este é o ano que ele previu para a sua morte neste discurso, através do calendário solar, mais precisamente, o calendário gregoriano, então se ele estava com 36 anos em 1960 (36 + 59 = 95), então ele previu que morreria com 95 anos, mas morreu com 84

---

[9] Ademais, existem diferenças cujo passar do tempo acumula grandes diferenças entre os vários meses lunares astronômicos: o mês anomalístico = 25, 5 dias; o mês sideral = 27,3 dias; o mês tropical = 27,3 dias; o mês diacrônico = 27,2 dias e o mês sinódico = 29,5 dias. Portanto, cada calendário lunar utiliza um diferente ano lunar, resultando em diferenças entres os muitos calendários lunares utilizados em distintas regiões da índia (PRIDDY, 2011b).

[10] Referindo a si próprio como um avatar (encarnação divina).

anos. Se calculado no calendário lunar de 324 dias no ano, ele estaria aproximadamente com 42 anos, ao invés de 36 anos calculado no calendário gregoriano.

Basava Premanand (1930 – 2009), o mais ativo desmascarador de Sathya Sai Baba.

“Eu estarei neste corpo por mais 58 anos, eu já assegurei isto para vocês” (discurso de 21.19.1961), também previu que morreria em 2019, aos 95 anos de idade, calendário gregoriano. (Discurso de 23.11.1990 – dia do seu aniversário), portanto 1990 – 1926 = 64 anos, ou seja, ele utilizou o calendário solar (gregoriano) para calcular a sua idade.
“Este corpo está agora com 67 anos” (Discurso de 03.07.1993), 1993 – 1926 = 67, estritamente falando, ele ainda estava com 66 anos, uma vez que não tinha chagado o seu aniversário em 23 de novembro de 1993. Utilizou, mais uma vez, o calendário solar, mais precisamente, o calendário gregoriano.

“O corpo (do Swami)[11] completará o seu 70º ano no próximo dia 23”[12] (Discurso de 17.11.1995), 1995 – 1926 = 69, o cálculo da sua idade diverge em um ano, pois em 1996 ele completaria 69 anos, e não 70 anos. Se Sai Baba estivesse calculando a sua idade através do calendário lunar de 324 dias no ano, ele teria de afirmar que estava com aproximadamente 76 anos, e não com 69 anos.

“Eu estou com 73 anos, minhas pernas, minhas mãos, meus olhos estão em perfeita condição” (Discurso de 24.11.1998), 1998 – 1926 = 72, mais uma vez o cálculo da sua idade diverge em um ano, se fosse no cálculo do calendário lunar, ele teria aproximadamente 80 anos naquela ocasião.

“Hoje se completa o 75º ano da Vinda deste corpo” (Discurso de 23.11.2000), 2000 – 1926 = 74, mais uma vez a diferença de um ano, se fosse pelo calendário lunar de 324 dias no ano, ele teria aproximadamente 82 anos de idade naquela ocasião (PRIDDY, 2011b).

Talvez a diferença de um ano nos cálculos nos últimos discursos seja a descoberta de Sai Baba, já na sua meia idade, de que ele nasceu no ano de 1925, e não em 1926[13]. Devido à precariedade do lugarejo onde nasceu, atraso em registrar uma criança e divergência na data do nascimento são muito possíveis, bem como uma ocorrência frequente no passado em locais pobres. Ademais, o que é ainda mais complicador, a data do seu nascimento nos registros escolares não coincide com a data em outras fontes. Robeert Priddy concluiu que “não

---

[11] Atribuindo a si próprio o título de Swami.

[12] Data do seu aniversário.

[13] Sua hagiografia mais lida, *Sathyam Sivam Sundaram: a Vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba* vol I, p. 10, de N. Kasturi, menciona a data de 23 de novembro de 1926 para o seu nascimento (KASTURI, 2008: vol. I, 10).

se deve deixar passar sem mencionar, pelo menos, que Sathya Sai Baba celebrou os seus aniversários, desde jovem, de acordo com o calendário solar. Ele fornece (forneceu) datas do calendário solar para diversos eventos em seus discursos, e ninguém jamais mencionou que ele calculou algo em anos lunares por toda a sua vida" (PRIDDY, 2011b). Somente quando o problema da previsão equivocada de Sai Baba aconteceu, é que este argumento do cálculo através do calendário lunar veio à tona (para aprofundamento, ver: PRIDDY, 2011a e 2011b).

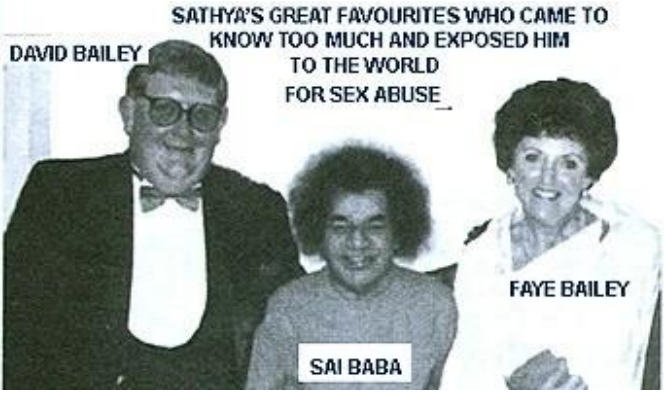
1.6. Deus Pedófilo

Apesar de sempre negadas pelos seus seguidores e por seus advogados, Sathya Sai Baba acumulou um montanha de acusações de abusos sexuais de jovens, quase absolutamente de meninos e de jovens masculinos. Algumas acusações se transformaram em queixas policiais e em ações judiciais, porém nunca progrediram na Justiça indiana, por conta da intocabilidade de Sai Baba, uma vez que ele tinha fortes laços de amizade e de admiração com os poderosos da Índia (juízes, governadores, juristas, celebridades e até primeiro ministro).[14] As ações contra Sai Baba nunca foram adiante, todas esbarravam em uma parede de obstrução, apesar de muitas delas apontarem para fortes indícios, com provas claras de crime. De todos os crimes acusados contra Sai Baba levados à Justiça, os mais frequentes foram os de abusos sexuais de jovens. Porém, nenhum resultou em condenação. Quando analisamos os dois lados, isto é,

---

[14] O ex Primeiro Ministro da Índia, Atal Behari Vajpayee disse uma vez que "os ataques a Sai baba são selvagens, imprudentes e inventados" (DATTA, 2004).

as acusações das vítimas e a defesa dos devotos de Sai Baba, não é possível deixar de observar que, muitos dos testemunhos das vítimas têm credibilidade. Porém, Sathya Sai Baba foi um intocável, imune a qualquer incriminação. Para os devotos, estas acusações são calúnias (DATTA, 2004). Norris W. Palmer acrescentou: “ele também é (foi) fundamental para muitos políticos na obtenção de votos. Baba é (foi), portanto, em grande parte, deixado imune pelo governo e, portanto, relativamente livre de processos por qualquer suposto crime denunciado através da Internet, o que tem o duplo efeito de deixar seus detratores irritados, com a falta de devido processo, e seus proponentes irritados com a difamação infundada sem recurso (PALMER, 2005: 119).



O casal de devotos David e Faye Bailey, muitos antigos e próximos de Sai Baba, mas que, após decepções, se tornaram acusadores.

O Movimento Sathya Sai Baba teve muitos importantes dissidentes ao longo dos anos, informação que é obviamente omitida pelos devotos. As mais frequentes alegações destes últimos para os casos de dissidência é o fato destes serem antigos membros

descontentes, que não tiveram a oportunidade de sequer uma entrevista privada com Sai Baba, ou por não terem a graça de testemunharem um milagre, ou por não serem escolhidos. Entretanto, ao observarmos os históricos e as carreiras destes dissidentes, o que encontramos é que muitos deles foram importantes membros dentro da Organização, ocupando cargos oficiais de alto escalão e, até mesmo, de destaque. Conheça alguns deles: Robert Priddy (dirigente da organização na Noruega por muitos anos), Barry Pittard (ensinou inglês por mais de dois anos na faculdade de Sathya Sai Baba em Whitefield), David Bailey (pianista clássico que lecionou música nas Sathya Sai Baba Colleges), Timothy Conway seguidor de Sai Baba até 2001, Glen Meloy, Hari Sampath, Serguei Badaev e outros, todos altamente educados e dedicados, importantes críticos indianos como Basava Premanand (1939-2009), um ex-devoto que mais tarde se tornou líder dentro da Sociedade Racionalista Indiana. Ou mulheres como a psicóloga americana Shirley Pike, a acadêmica holandesa Alexandra Nagel, Faye Bailey, editora por muitos anos da revista de divulgação da Missão Sai Baba *The Quarterly*, a sueca Åsa Samsioe ou a americana Eileen Weed, que viveu quase toda a sua vida adulta vida em Puttaparthi, não como uma típica devota ocidental, mas integrada de forma única na comunidade indiana local, falando telugu fluentemente e cuidando de duas irmãs de Sathya Sai Baba, Venkamma e Parvatamma, ao longo dos anos. Os seus diários e entrevistas online, acessíveis ao público, são um recurso inestimável para descobrir a verdade.

A primeira denúncia de abusos sexuais, amplamente conhecida, foi a feita pelo ex-devoto, Tal Brooke, em seu livro *Lord of the Air Tales of a Modern Antichrist* (Senhor do Ar: Contos de um Anticristo Moderno), primeira edição 1976, em seguida, dezenas de novas denúncias foram publicadas nos anos

seguintes. L. Enrique Márquez reproduziu assim alguns trechos do relato de Tal Brooke: “Baba me abraçou novamente, apertando-me com mais força... A pélvis agitada de Baba parou. De repente, uma mão abriu minha braguilha e enfiou a mão dentro... Os quadris de Baba começaram a se mover enquanto sua mão me apertava. A respiração de Baba tornou-se mais rápida e difícil. A agitação continuou e Baba mostrou todos os sinais de desejo” (MÁRQUEZ, 2000: 42).

As histórias sobre a má conduta sexual de Sai Baba são todas notavelmente semelhantes. “Durante minhas ‘audiências privadas’ com Sai Baba, Sai Baba costumava tocar minhas partes íntimas e massageá-las regularmente, indicando que isso era para fins espirituais”, escreveu o holandês Hans de Kraker em uma carta enviada à jornalista francesa Virginie Saurel. Em dezembro de 1996, quando de Kraker tinha 24 anos, Sai Baba supostamente lhe pediu para fazer sexo oral: "Ele agarrou minha cabeça e empurrou-a na região da virilha. Ele fez gemidos", escreveu de Kraker. "Assim que ele tirou a pressão da minha cabeça e eu levantei minha cabeça, Sai Baba levantou seu roupão e me apresentou um membro semi-ereto, dizendo que esta era minha chance de boa sorte, e empurrou seus quadris em direção ao meu rosto." Quando de Kraker relatou a outras pessoas o que havia acontecido, ele foi expulso do ashram. O americano Jed Geyerhahn, que tinha 16 anos quando Sai Baba começou a abordá-lo, ecoa o relato de Kraker: "Cada vez que eu via Baba, sua mão gradualmente fazia conexões mais proeminentes com minha virilha." As histórias são infinitas e infinitamente semelhantes, envolvendo principalmente meninos e homens desde a adolescência até os 20 e poucos anos (GOLDBERG, 2001).

Os casos de acusações por molestados sexuais foram tantos que foi possível elaborar classificações dos

tipos de casos, bem como classificações dos tipos de molestados. Então, Chris Dokter, aproveitando da classificação de Timothy Conway das diferentes maneiras pelas quais os abusos sexuais de Sathya Sai Baba aconteceram, enumerou os seguintes tipos de casos de molestamento sexual, na maioria, jovens de 14 a 18 anos de idade:

1. Fazer com que o rapaz/homem, sem consentimento expresso, baixe as calças e passe óleo na parte inferior do abdómen e/ou genitais.
2. Jovens devotos de Sai Baba do sexo masculino, enquanto completamente vestidos, tiveram seu pênis ou região da virilha tocados, brincados, acariciados, esbofeteados, etc., por Sathya Sai Baba, tanto dentro quanto fora da sala de entrevista.
3. Muito menos frequentemente, na sala de entrevistas privada, Sai Baba pediu a um jovem que baixasse as calças, ou que as desfizesse ele próprio, e depois começou a esfregar manualmente ou chupar oralmente o pênis do jovem do sexo masculino.
4. Também com muito menos frequência, Sathya Sai Baba, na sala de entrevista privada, expôs os seus próprios órgãos genitais e pediu ao jovem do sexo masculino que acariciasse ou chupasse o seu pênis ereto.
5. Em vários casos, foi alegado que, dentro da sala de entrevista privada, Sathya Sai Baba beijou um jovem na boca, por vezes durante um longo período de mais de 5 segundos, até 30 segundos ou mais, e/ou abraçou um jovem do sexo masculino próximos a ele por um período de tempo semelhante.

Portanto, estas práticas envolviam atos sexuais que, em alguns casos, levavam à masturbação, à ejaculação involuntária e até à penetração anal.

Também, Timothy Conway explicou por que essas práticas podiam permanecerem inaudíveis e

invisíveis por aqueles que estavam do lado de fora da sala de audiência privada: cortina, ventilador de teto elétrico, ruído ambiente do ashram, vista grossa e fingir que não ouve (DOKTER, 2023). A desculpa mais frequente para estas práticas de Sai Baba com jovens é a de que ele fazia assim para despertar a energia de Kundalini[15] nos rapazes (para mais detalhes sobre os crimes e as imoralidades, ver: BABB, 1991: 157-201; BAILEY *The Findings*; MÁRQUEZ, 2000: 42-7; GOLDBERG, 2001; DATTA, 2004; PRIDDY, 2011a e 2011b e DOKTER, 2023).

1.7. Sai Baba, um Intocável

Da mesma maneira que João de Deus (John of God), um curandeiro no Brasil com fama internacional, ambos praticaram abusos sexuais, o brasileiro com centenas de mulheres, e o indiano preferia rapazes adolescente e homens jovens, porém tiveram consequências judiciais distintas. João de Deus foi preso e condenado a mais de cem anos de prisão, somente pelos crimes sexuais, enquanto Sai Baba permaneceu judicialmente imune às dezenas de acusações até o fim da vida. Também, ambos eram blindados por uma rede de proteção que os imunizada de inquéritos policiais e de processos judiciais. Todas as queixas e acusações não prosseguiam na polícia e na justiça. Porém, com uma diferença entre ambos, João de Deus tinha um esquema de imunização judicial apenas local, ou seja,

---

[15] Uma suposta energia espiritual latente localizada na base da coluna vertebral, seu despertar é alvejado pelos iogues e pelos tântricos. Não existe registro, em toda literatura ióguica e tântrica, de que alguém teve a energia de Kundalini despertada através do toque nas genitálias, tal como os molestados relataram.

na sua pequena cidade no interior do Brasil, enquanto Satya Sai Baba manteve um esquema nacional de imunização judicial, qualquer que fosse o local na Índia, onde uma queixa ou uma acusação surgisse, ele estava protegido, a investigação e o inquérito policial não prosseguiam. Sai Baba manteve fortes laços de admiração e de amizade com governadores estaduais, juízes, parlamentares, advogados, promotores de justiça e até com um Primeiro Ministro,[16] pois, estar do lado de Sai Baba era uma vantagem política e profissional.

O motivo da diferença no desfecho judicial foi que, por João de Deus manter uma rede corrupta de proteção apenas em sua cidade, então, quando uma poderosa rede de TV brasileira, a TV Globo, através do programa de entrevistas do prestigiado jornalista, Pedro Bial, ocasião em que algumas vítimas de abuso sexual, por João de Duas, decidiram denunciar os molestamentos em rede nacional, o esquema de proteção local foi desmoronado e o caso se tornou um questão policial além dos limites municipais, pois ele não tinha proteção fora da sua cidade, até a Polícia Federal do Brasil entrou na investigação. Por outro lado, a experiência de Sai Baba foi diferente, por ter uma proteção nacional, ele permaneceu imune às investigações policiais e aos processos judiciais em toda a Índia, uma vez que os inquéritos não eram concluídos, portanto não era possível processá-lo, menos ainda, condená-lo. As acusações feitas fora da Índia, por estrangeiros, não tinham efeito no território indiano, por isso foram inócuas (para conhecer mais sobre a intocabilidade de Sathya Sai Baba, consultar: GOLDBERG, 2001).

---

[16] A Índia é uma república parlamentarista, um Parlamentarismo Presidencialista, onde o Presidente é o chefe de estado e o Primeiro Ministro é o chefe de governo.

1.8. Deus Prestidigitador

Outra avalanche de acusações contra Sai Baba foi que os seus fenômenos de materialização da vibhuti (cinza sagrada) e de outros objetos (pulseiras, broches, anéis, colares, relógios, etc.), vistos por seus admiradores deslumbrados como milagres, eram simples truques de mágica.[17] Dezenas de mágicos reproduziram estas falsas materializações milagrosas em vídeos na Web, demostrando que elas eram truques de prestidigitação.[18] L Enrique Márquez explicou assim o seu sucesso, mesmo executando tão simples truques de mágica, quando se prepara uma convincente mistura de truques de mágica com crença religiosa: "Não é necessário ser um David Copperfield para perceber a simplicidade dos seus truques, porém a imperiosa necessidade de acreditar se sobrepunha ao senso comum ou à evidência contrária" (MÁRQUEZ, 2000: 44). Isto é, quando o ímpeto de acreditar é muito forte, até a evidência contrária não tem a capacidade de dissuadir o crente, pois a crença já é então uma compulsão.

---

[17] A mais ativa campanha para desmascarar Sai Baba foi lavada a cabo por Basava Premanand (1930-2009), fundador da Federation of Indian Rationalist Associations, ele travou uma difícil luta para desmascarar a divindade de Sai Baba por mais de 30 anos. Até a sua morte em 2009, ele já tinha sobrevivido a quatro tentativas de assassinato e carregava as cicatrizes dos diversos espancamentos selvagens (DATTA, 2004).

[18] É a técnica de iludir o espectador com truques que dependem especialmente da rapidez e da agilidade das mãos, sobretudo dos dedos (latim: *digitī*), muito utilizada pelos mágicos e pelos ilusionistas.

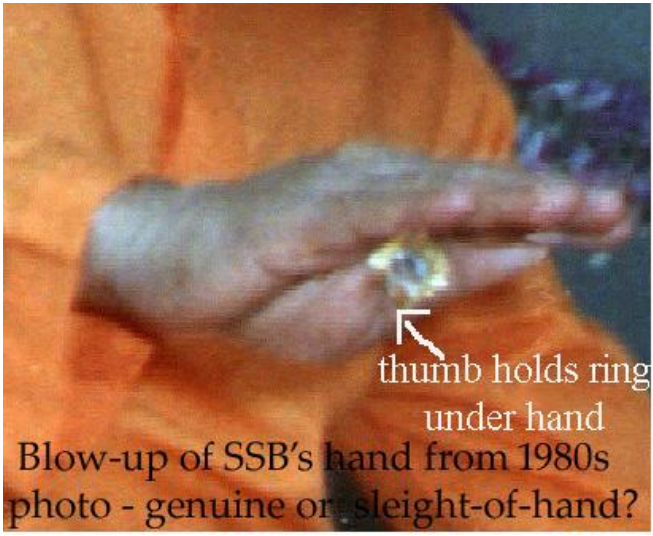


Foto a partir de still do movimento quadro a quatro do zoom de um vídeo da fraudulenta materialização de Sai Baba, observe que o objeto a ser materializado já está em sua mão.

Vibhuti é um sagrado pó acinzentado, utilizado como artigo em muitos cultos de adoração no Hinduísmo, que Sai Baba fazia aparecer, através de um toque mágico de sua mão, e em seguida, entregava para seus seguidores para fins de benção ou de cura. O truque consistia em segurar, entre a base dos dedos, um pequeno torrão compactado desta cinza, que depois se deslocará até a ponta dos dedos para então esfarelá-la com uma leve pressão, algo como um pequeno comprimido capaz de esfarelar-se com uma simples pressão dos dedos, de modo que o torrão de cinza comprimida não pode ser muito rígido.[19] O pequeno

[19] A confecção de torrões compactados é comum na culinária, cujo torrão mais conhecido é o Torrão de Açúcar, um doce

torrão de cinza compactada pode ficar escondido tanto na dobra formada pela união do polegar e indicador, quanto em uma das duas dobras que permitem a união dos três dedos centrais (anular, médio e indicador), ou entre o polegar e o indicador. O movimento clássico que Sai Baba realizava era, estender o braço com a palma da mão para baixo, quase paralela ao chão, girar a mão em círculo rápido e repetidamente. Durante o giro, o torrão de cinza se move até as pontas dos dedos e se esfarela entre eles, produzindo assim a impressão de uma materialização. A natureza compacta do torrão de cinza permite que ele seja escondido em qualquer lugar e levado na hora certa para ser esfarelado. Em muitas ocasiões, Sai Baba pode ser visto passando o pequeno torrão da mão esquerda para a direita e depois o esfarelar. Esse movimento, às vezes, costuma ficar escondido sob o pretexto de uma carta ou envelope que ele carrega na mão esquerda. Vários torrões de cinza também poderão ser escondidos e, enquanto a atenção do público estiver voltada para a mão que está esfarelando um deles, o que se assemelha a uma materialização, a outra poderá pegar livremente um novo pequeno torrão de cinza, ainda compactado, para uma segunda materialização. O esfarelamento deve ser feito de forma lenta e gradual, desta forma aumentará a ilusão de materializar uma maior quantidade de cinzas.

O truque de esconder o torrão de cinza entre os dedos era bem executado na visão de muitos admiradores, por isso enganou milhões de

---

preparado com o auxílio de uma fôrma, a qual permite que o torrão de açúcar seja modelado na forma desejada, um coração, um quadrado, uma estrela, etc. Portanto, da mesma maneira, não é difícil preparar um torrão de cinza utilizando uma fôrma. Existem vídeos na Web que ensinam como preparar o Torrão de Açúcar utilizando uma fôrma.

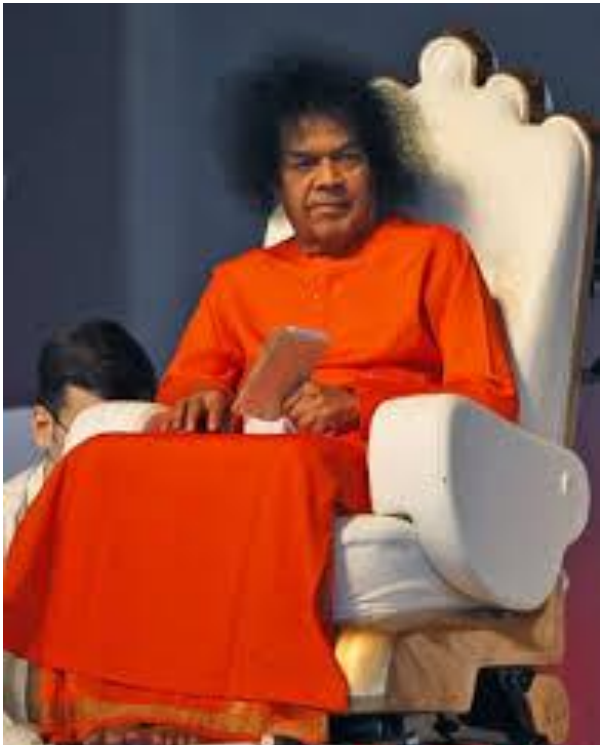
deslumbrados com esta fraude, porém não era infalível, pois pôde ser flagrado em alguns vídeos, quando se utiliza o recurso do zoom e o da exibição lenta no modo quadro a quadro. Ademais, o que foi pior ainda, aconteceu que, algumas vezes, por descuido, Sai Baba deixou cair o fraudulento torrão de cinza no chão, o que foi testemunhado por alguns espectadores, e até mesmo fotografado e publicado na Web. David Bailey confessou que foi durante o testemunho da queda no chão de um destes pequenos torrões de cinza compactada, bem na sua frente, que ele despertou para a desconfiança de que aquelas materializações eram truques de mágica. Numerosos testemunhos de que Baba deixou cair torrões de vibuthi na frente de ex-devotos, e também de que ele tinha, na sala de entrevista privada, uma "máquina" de torrões de vibuthi, que comprimia o pó com água. Evidências fotográficas ou de vídeo anteriores de torrões (entre os dedos, etc.) eram esparsas e não tão claras. O vídeo que surgiu no YouTube tira todas as dúvidas possíveis de que ele esmagou torrões pré-preparados e não os materializou. Veja duas capturas estáticas do torrão caída no chão em PRIDDY 2015, bem como outras fotos de fraudes nesta mesma página. Estes e outros foram os motivos iniciais que levaram o então antigo e dedicado casal devoto, David e Faye Bailey,[20] muito próximo a Sai Baba, à desconfiança e então iniciar uma investigação sistemática sobre a veracidade dos poderes milagrosos. Os resultados desta investigação, e de outras suspeitas de crimes e de imoralidades, foram denunciadas na publicação *The*

---

[20] David Bailey foi professor de música na Sathya Sai Baba College por cinco anos e Faye Bailey foi editora da revista *The Quarterly,* ambos escreveram e publicaram livros sobre Sai Baba, enquanto eram devotos.

Findings: Personal Experience (As Descobertas: Experiência Pessoal) na Web.

Quando acompanhamos os sucessivos vídeos de supostas materializações, somos capazes de perceber que Sai Baba e os seus assistentes acompanhavam as publicações de vídeos de



Sathya Sai Baba em sua luxuosa “poltrona de rodas”, após o acidente de 2003, que o deixou paralítico.

desmascaramento por seus oponentes, então, cada vez mais, ele procurou executar os truques de mágicas de maneira mais complexa, isto é, com maior dificuldade de se perceber a fraude, que contestava as acusações dos

acusadores. Portanto, é possível perceber um processo de aperfeiçoamento na execução dos truques. Por exemplo, em 2004, a BBC exibiu um documentário sobre Sai Baba, no qual, em um trecho, ele executou um truque de materialização de um linga dourado que saiu da sua boca, porém o cinegrafista da BBC conseguiu, através de um ângulo lateral, mostrar nas imagem que ele nem sequer abriu a boca para o linga sair, uma vez que a mesma estava encoberta por uma toalha nas suas mãos, pois o linga dourado já estava na toalha que ele segurava nas mãos, uma execução muito defeituosa. Então, tempos depois, ele executou este mesmo truque de materialização de uma maneira mais difícil de se perceber o truque, no qual apenas um mágico experiente é capaz de perceber o ilusionismo do truque.

1.9. Deus Cadeirante

Em 2003, Sai Baba sofreu um acidente e fraturou a coluna vertebral, quando um estudante em pé, sobre um banco de ferro, escorregou e, então, o menino e o banco caíram sobre ele, o que o tornou paralítico. Com isso, ele passou a dar bênçãos de dentro do carro ou de sua cadeira. Então, a partir de 2004, ele passou a se locomover através de uma luxuosa cadeira de rodas, que mais parecia uma poltrona de rodas.

Portanto foi inevitável que muitos devotos e simpatizantes fossem lavados a se perguntarem como que um acidente desta gravidade poderia acontecer com o Deus-homem. Obviamente, como era de se esperar, muitas respostas fantasiosas foram elaboradas para justificar o acidente por seus devotos deslumbrados. A mais comum foi a de que aquilo aconteceu em razão do acúmulo de karma por Sai Baba, na sua sacrificante missão de ajudar e salvar os sofredores. No entanto, por outro lado, a resposta mais sensata é a de que este

acidente foi mais uma prova, tais como o AVC, os ataques cardíacos, os abusos sexuais, as paralisias, etc., de que Sai Baba era alguém humano, tal como qualquer outro indivíduo, portanto, nada era excepcional nele, que fosse capaz de o tornar imune a tudo que acontece com os outros humanos.

1.10. Deus Ufanista

Que cidadãos patriotas e nacionalistas se inflamam com discursos ou com escritos ufanistas sobre a sua pátria é uma prática muito recorrente, porém, por outro lado, já deus inflamando o público com patrióticas mensagens ufanistas é uma novidade. À primeira vista, parece incompatível com o caráter universal de deus. Mas, isto foi o que Sai Baba pronunciou em alguns discursos. Veja abaixo algumas inflamações ufanistas reunidas por Norris W. Palmer.

Esta Bharat[21] (Índia) é uma terra sagrada, a qual tem sido a fonte de toda a riqueza espiritual, e tem compartilhado com o resto dos países do mundo os valores ético e morais" (Discurso de 17 de novembro de 1995 – Palmer, 2005: 105). Afirmar que a Índia é "a fonte de toda riqueza espiritual" é um elogio exagerado, uma vez que, quando os antigos indianos, ainda nos temos védicos, estavam desenvolvendo a sua espiritualidade, outros povos, paralelamente, também desenvolviam as suas espiritualidades na Antiguidade (Mesopotâmia, Egito, Grécia, China, Pérsia e Roma). A Índia não foi a

---

[21] भारत (Bhārata) é um dos nomes pelo qual os indianos chamam o seu próprio país, o termo Índia é um nome atribuído pelos estrangeiros. भारत Bhārata é um adjetivo que significa literalmente "descendente de Bharata", nome da família protagonista no épico Mahābhārata. Às vezes, o termo भरतवर्ष (Bharatavarsha), País de Bharata, também é utilizado.

primeira civilização a desenvolver a espiritualidade, outros povos a antecederam, sendo assim, esta frase é um ufanismo patriota, bem como, ela foi invadida muitas vezes no passado por povos estrangeiros (hunos, gregos, mughals, árabes, manchus, persas e finalmente os britânicos), de maneira que muitos itens na cultura indiana são de origem externa. Também, a afirmação "e tem compartilhado com o resto dos países do mundo os valores éticos e morais" é exagero, a Índia compartilhou sua cultura inicialmente apenas com os países vizinhos, através da expansão missionária do Budismo. O Hinduísmo e o Jainismo, por serem religiões hereditárias, permaneceram quase exclusivamente em território indiano, com poucas comunidades de imigrantes estabelecidas em países estrangeiros.

E ufanismos ainda mais exagerados: "Bharat (Índia) é uma terra de abundância. Bharat (Índia) é naturalmente bem dotada. É a fonte primária de toda moralidade, espiritualidade e sabedoria mundial. Olhar uma tal terra sagrada como pobre é loucura. Nós não somos uma nação destituída. É um país ricamente dotado. (...) Tudo se originou da Bharat (Índia) (...) Cada devoto deveria assumir a promessa de proteger e promover a grandeza de Bharat (Índia)" (Palmer, 2005: 106). "Nenhum país do mundo tem tudo o que Bharat (Índia) tem" (Discurso de 20 de maio de 1990). Bem, a Índia foi uma terra de abundância no passado, atualmente é uma terra abundante em miséria, em analfabetismo, em imundice, em poluição, em infecção, em trânsito caótico, em fetidez, em superstição, em descuido com a higiene e em outros atrasos civilizatórios, pois tem a maior população de miseráveis do mundo (são cerca de 300 milhões, portanto maior que a população individual de quase todos os países do mundo, com exceções da China e dos EUA), bem como abundante em analfabetos, também é o pais com a

maior população de analfabetos, apesar de ter, em contraste, muitos cientistas e ganhadores do Prêmio Nobel. Portanto, olhar a Índia como um terra pobre não é loucura, mas sim lucidez, loucura é olhá-la como uma nação rica, apesar do PIB alto, em função da imensa população (1,4 bilhão de habitantes). Mais loucura ainda é pensar que a Índia não é uma "nação destituída" ou que é "um país ricamente dotado". A pontuação da Índia no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é 0,644, com isso está na 134ª posição, dentre os 193 países avaliados, portanto na categoria dos países de baixo desenvolvimento humano, a qual começa com a 90ª posição. Outra ignorância história é pensar que "tudo se originou da Bharat (Índia)", pois a civilização não começou na Índia, mesmo na época da civilização Harrapa (3.300 a 1.300 a. e. c.), na região do rio Indus na Idade do Bronze, a mais antiga civilização da região da Índia encontrada arqueologicamente, outros povos já tinham desenvolvido simultaneamente uma civilização avançada (Egito, Mesopotâmia e China).

E ufanismo ainda mais radical, agora com a inclusão do ufanismo religioso: "O que não é indiano não é conhecimento, todo conhecimento é o domínio do intelecto indiano. (...) Índia é a fonte de toda verdade espiritual, que faz possível a inclusão de perspectivas de outras religiões, as quais são meramente variações dos temas hindus e, como tal, são congruentes com o Hinduísmo e apropriadamente incorporadas dentro dele" (Palmer, 2005: 106). Quem já viveu na Índia, ou tem um amplo conhecimento das publicações, conhece o tanto que o indiano se orgulha do Hinduísmo, o que poderá explicar este impulso ufanista de Sai Baba. Norris W. Palmer observou: "Um forte proponente da superioridade indiana, a influência de Satya Sai Baba se tornou dominante nas políticas regionais e nacional, e de real

significado nas disputas nacionais também” (Palmer, 2005: 106).

O hospital construído pelo Movimento Sathya Sai Baba, sua monumental obra filantrópica foi o único legado elogiável.

No final do primeiro capítulo da Gītā Vāhīnī, ele elogiou a nação indiana da seguinte maneira; “Então, somente esta Nação Indiana pode demonstrar ao mundo a excelência da Antiga Religião, a Sanatana Dharma (o caminho eterno), sua dádiva especial à humanidade, e paz segura para toda a humanidade” (BABA, 2002a: 11). Ora, afirmar que “somente a nação indiana é capaz de demostrar a excelência da antiga religião” é um ufanismo delirante. Quando percebida desde a perspectiva da evolução cultural da humanidade, a Sanatana Dharma (caminho eterno) é mais um caminho ultrapassado do que um “caminho eterno”, uma vez que está repleto de ideias e práticas rançosas. Também, dizer que esta religião antiga é uma dádiva e capaz de levar paz segura à humanidade, não corresponde à realidade histórica, uma vez que a Índia sempre sofreu de guerras internas e foi invadida por muitos povos estrangeiros. Um exemplo muito claro é o motivo pelo qual os britânicos foram capazes de dominar o território indiano, pois os reinos indianos sempre estiveram em conflitos, o que os enfraqueceram diante do avanço britânico. Em suma, a

Índia sempre esteve em guerras internas, ou se defendendo de invasores, por isso não pode ser um exemplo de paz segura para a humanidade, ou seja, a Sanatana Dharma (religião eterna) não teve efeito nem mesmo dentro da Índia.

Quanto à religião dos hindus, é preciso esclarecer que a denominação de Hinduísmo para o conjunto de tradições que o conceito engloba tem sido objeto de discussões nos últimos anos. Os estudos mais cuidadosos têm demonstrado que aquilo que se costuma denominar Hinduísmo representa mais um 'conjunto de religiões' do que uma única religião. Para alguns historiadores, o conceito de Hinduísmo, como religião unificada, é uma invenção moderna introduzida por estrangeiros. Os 'hindus' nunca se autodenominaram 'hindus' antes da ocupação islâmica ou britânica. Os 'hindus' sempre se autodenominaram conforme a seita pertencente: *Vaishnava, Shaiva, Shākta*, etc. A discussão atualmente concentra-se em saber quando, onde e por quem esta denominação coletiva foi inventada. Pois, não existe consenso ainda entre os ortodoxos, entre os pesquisadores e entre os historiadores de qual seja a identidade do Hinduísmo ou qual o elemento comum entre todas as tradições que a denominação alcança. Mesmo assim, o termo Hinduísmo ainda continua a ser empregado por todos os autores, em vista da falta de outro que o substitua apropriadamente. Para saber mais sobre esta polêmica, consultar a coletânea de artigos que discute este assunto em *Defining Hinduism: A Reader*, London/New York, Routledge, 2005, editado por J. E. Llewellyn. Veja também: Pennington, *Was Hinduism Invented*? 2005. Portanto, o critério de classificação do cânone hindu reproduz mais a voz impositiva da corrente dominante da atualidade do que, por assim dizer, a unanimidade de todas as tradições que o nome Hinduísmo abraça (BOTELHO, 2022: 13).

1.11. Deus Bilionário

Um grande escândalo aconteceu, quando em 16 de junho de 2011, quase dois meses após a sua morte em 24/04/2011, iniciou-se uma busca nos aposentos privados (Yajur Mandir) de Sai Baba, um complexo com cerca de 15 quartos, na sede Prasanthi Nilayam, em Puttaparthi, foi encontrada uma fortuna em tesouro e em dinheiro. No dia 17/06/2011, os jornais indianos noticiaram a descoberta de 120 milhões de rúpias em dinheiro (US$ 1,7 milhão), 98 kg de ouro e 307 kg de prata. Depois desta primeira busca, mais três buscas foram feitas, nas quais foram descobertas mais grandes quantidades em dinheiro, ouro, prata, diamantes, uma coroa de ouro pesando meio kg, um conjunto de diamantes e duas mil peças de sari de seda nobre.

Na primeira busca, a quantidade de dinheiro era tão grande que levou 36 horas para ser contada, segundo os jornais indianos. O trabalho foi realizado e acompanhado por policiais, por auditores da receita indiana e por juízes. A descoberta foi tão escandalosa que os seguidores formaram um comitê, a fim de pedir esclarecimentos ao Sai Baba Trust em uma reunião. Os seguidores mais próximos alegaram que estes objetos eram derivados de doações recebidas por Baba de seus discípulos e de seus admiradores. Já os críticos suspeitaram que eram presentes guardados para serem utilizados nos truques de materialização.

Após quatro buscas, a fortuna escondida por Sathya Sai Baba, em seus aposentos privados, foi estimada em 620 milhões de rúpias, o equivalente a US$ 8,8 milhões, segundo o jornal The Times of India, em 20/07/2011. Quando da sua morte, o seu império foi estimado em US$ 9 bilhões.

Segunda Parte

2.1. Introdução

Após esta breve introdução sobre a vida, a personalidade e o caráter de Sathya Sai Baba, agora podemos entrar no assunto propriamente do título deste estudo, qual seja, a ignorância cientifica de deus representada pela sua encarnação como Sathya Sai Baba. No entanto, não foi possível tratar de todas as absurdidades científicas proferidas por Sai Baba neste curto estudo, o que será mencionado e comentado em seguida será apenas uma seleção dos ditos mais absurdos e, até mesmo, em alguns casos, os mais cômicos, presentes em seus escritos e em seus discursos, uma vez que são muitos, se forem incluídos até os absurdos menores.

Na introdução do seu livro Upanishad Vāhīnī: Essence of Vedic Knowledge, o autor desta introdução, N. Kasturi, elogiou o saber de Sai Baba da seguinte maneira: “Ele (Sai Baba) está usando para esta grande tarefa instrumentos antigos e modernos, Sanathana Dharma e ciência. Os seus escritos, discursos e conversas que corrigem, comunicam e convencem estão repletos de afirmações e comentários sobre as descobertas das ciências físicas e metafísicas” (BABA, 2002b: Introdução). O que será mencionado e analisado abaixo será exatamente o contrário deste elogio, uma vez que Sai Baba não recebeu formação científica, ele abandonou a escola aos 13 anos de idade, por isso seu conhecimento científico é precário e, em algumas passagens, equivocado, portanto não tinha a capacidade de comunicar ideias científicas, muito menos corrigir.

Uma marca nos discursos e nos escritos de Sai Baba é a simplicidade das suas ideias e da sua linguagem, alguns trechos de seus escritos são tão

simplistas, que até parecem conversas entre compadres. Portanto, em razão do simplismo exagerado, muitas passagens são notáveis pela superficialidade, em virtude da sua precária escolaridade e, às vezes, pela banalidade, quando não aproximam da absurdidade, chegando, até mesmo, à comicidade, tal como veremos adiante. Alguns truísmos são tão banais que nos provocam riso, veja um exemplo: “Antes do nascimento da pessoa, a pessoa não tem relacionamento com este mundo e com os seus objetos materiais. Após a morte, eles e todos os amigos e parentes desaparecem” (BABA, 2002a: 251). Também, alguns exemplos são estranhos, veja alguns deles: “Uma bola de ferro flamejante é capaz de causar mais dano do que uma chama de fogo; um homem pecaminoso deve ser evitado mais do que o pecado em si. Os Sadhakas (discípulos) precisam ser vigilantes sobre a companhia que eles mantem” (BABA, 2002a: 224). E outro “O maior obstáculo no caminho da entrega é o egoísmo e a mesquinhez ou possessividade. É algo que é inerente à sua personalidade desde muito tempo, enviando seus tentáculos cada vez mais fundo com a experiência de cada vida seguinte. Só pode ser removido pelos detergentes gêmeos da discriminação e da renúncia. A devoção é a água para lavar essa sujeira de séculos e o sabão a repetição do nome de Deus, a meditação e a comunhão (ioga) ajudarão a removê-la de maneira mais rápida e eficaz” (Discurso de 01 de agosto de 1956). Algumas frases aparentam desconexões psicóticas: “Tenha cuidado com sua saúde física também. Satisfazer as demandas da natureza; o carro deve receber a gasolina de que necessita. Caso contrário, sua cabeça pode girar e seus olhos podem ficar embaçados por pura exaustão” (Discurso de 23 de fevereiro de 1958).

2.2. A Ignorância sobre História

Em um discurso de 25.12.1979, portando em uma dia de Natal, Sai Baba mencionou que Jesus nasceu às 3:15h, em 28 de dezembro[22], 1980 anos atrás, ou seja, Jesus nasceu um anos antes do seu nascimento, conforme a dada reconhecida pela Igreja Católica (PRIDDY, 2011b). Precisamos nos lembrar de que a História é uma pesquisa científica dos fatos, bem como a sua análise. Em razão da sua rudimentar formação escolar, Sai Baba não aprendeu a diferenciar ideias oriundas da pregação religiosa das ideias constatadas e consolidadas pela pesquisa científica. A pesquisa histórica apontou que a data de 25 de dezembro para o Natal é uma escolha arbitrária da Igreja Católica, ocorrida muitos anos depois da morte de Jesus, uma vez que ninguém registrou, com precisão, a data exata do seu nascimento nos primeiros anos do Cristianismo, de maneira que esta tivesse uma aceitação unanime, então, em razão da incerteza, cada comunidade cristã comemorada o seu nascimento em datas diferentes nos primeiros séculos. A Bíblia não menciona a data do nascimento de Jesus, tampouco os evangelhos apócrifos. A data de 25 de dezembro foi uma tentativa da Igreja de unificar as datas comemorativas em uma única data natalina, decretada pelo papa Júlio I em 350 e. c. Passou a ser praticada na Capadócia a partir de 370 e. c., em Constantinopla a partir de 380 e. c., na Antióquia a partir de 386 e. c. e na Alexandria a partir de 432 e. c.

As primeiras menções à data do nascimento de Jesus aparecem no século III e. c. Clemente de Alexandria mencionou a data de 20 de Maio, outros autores antigos mencionaram as datas de 19 ou 20 de

---

[22] E não em 25 de dezembro.

Abril, 28 de Março e 06 ou 10 de Janeiro. Portanto, não houve preocupação inicial em registrar e conservar a data de nascimento de Jesus, caso alguém, de fato, sabia da verdadeira data. A mais antiga menção a 25 de Dezembro, como a data de nascimento de Jesus, aparece em 221 e. c. na obra *Chronographiai* (História do Mundo), de *Sextus Julius Africanus* (160-240 e. c.), uma obra perdida, mas que foi extensamente reproduzida na obra *Chronicon* de Eusébio de Cesareia. E a primeira referência a uma celebração do nascimento de Jesus em 25 de dezembro é de 336 e. c.

Quanto à escolha da data para o nascimento de Jesus, os historiadores se divergem com respeito à origem. As sugestões mais citadas são a de que o 25 de Dezembro foi a cristianização do *Dies Solis Invistus Nati* (o Dia do Nascimento do Sol Invencível), um popular festival romano e pagão que celebrava o solstício de inverno como o símbolo do ressurgimento do Sol. Ou a de que esta data transformou-se no nascimento e Jesus pelo raciocínio que identificava o equinócio de inverno (25 de Março no hemisfério norte), como a data da concepção de Jesus, mas sem nenhum fundamento histórico. Então, nove meses depois, isto é, 25 de Dezembro, tornou-se a data de nascimento de Jesus. Quando levada ao norte da Europa, estas celebrações se fundiram com o *Yule*, um festival pagão dos povos nórdicos, também celebrado no solstício de inverno, com isso assumindo gradativamente as características da atual festividade, inclusive a inclusão do Papai Noel. O processo de como aconteceu a gradativa uniformização das comemorações em 25 de Dezembro e em 06 ou 07 de Janeiro é difícil de acompanhar, em virtude a escassez de documentos (para mais detalhes, ver: BOTELHO, 2014).

Sathya Sai Baba escreveu e publicou uma versão inglesa com comentários da भगवद्गीता (Bhagavad

Gītā - Canção do Senhor), o texto mais popular do Hinduísmo e o mais conhecido fora da Índia (BABA, 2002a), com incontáveis traduções para a línguas contemporâneas. Ele denominou sua versão comentada de गीतावाहीनी (Gītā Vāhīnī – Torrente de Sabedoria da Gītā). Trata-se de um longo diálogo (com 700 shlokas, versos em duas linhas) entre o deus Krshna e o discípulo Arjuna, no momento que antecedia o início da grande batalha dinástica, entre parentes pelo trono da região, portanto um episódio do grande épico महाभारत (Mahābhārata), com cem mil shlokas. Com o tempo, a Gītā, tal como ela é popularmente conhecida, se destacou pela sua mensagem, tornando-se assim em um livro avulto e venerado. A data da ocorrência dos eventos narrados neste épico é difícil de precisar, uma vez que se sabe, com certeza, atualmente, que o texto sofreu muitos acréscimos e muitas interpolações ao longo dos séculos por autores anônimos. Também, a historicidade ainda é dúvida, pois os historiadores não estão absolutamente convictos de que aqueles eventos realmente aconteceram, alguns pesquisadores sugerem que quase tudo é mito. Então, só é possível conjeturar datas aproximadas. Ao discutir a questão da datação, o historiador A. L. Basham observou: “De acordo com a mais popular tradição tardia, a Guerra do Mahābhārata aconteceu em 3.102 a. e. c., o que, à luz da evidência é bem impossível. Mais razoável é outra tradição, colocando-a no século XV a. e. c., mas esta também é muito antiga, à luz do nosso conhecimento arqueológico. Provavelmente, a guerra aconteceu em torno do começo do século IX a. e. c., tal data parece encaixar bem com as escassas ruinas arqueológicas do período, e também há alguma evidência na literatura Brahmana, para mostrar que não pode ter sido muito mais anterior a este período” (BASHAM, 1981: 40). Uma conjectura é a de que a guerra deve ter acontecido depois de 1.200 a. e.

c., pois esta é a época da introdução do ferro no continente indiano, conhecido na literatura antiga por कृष्ण अयस् - Krshna Ayas (literalmente: metal negro), mencionado no Atharva Veda, enquanto o Rg Veda menciona apenas ayas (metal), o qual é sugerido por Michael Witzel como se referindo ao cobre ou ao bronze (WITZEL,1995: 04). Com base nas descrições das armas utilizadas na Guerra do Mahābhārata, é provável que elas fossem de ferro e não de bronze, portanto a guerra não poderia ter ocorrido antes de 1.200 a. e. c.[23] A composição do Mahābhārata, tal como já mencionada, sofreu muitos acréscimos e muitas interpolações ao longo do tempo, as datas mais sugeridas para este longo período de composição é do século III a. e. c. até o século III a. c., portanto é uma composição da Antiguidade.

A versão de Sai Baba da Gītā difere substancialmente das traduções convencionais e dos comentários mais coincidentes, com a inclusão de palavras e frases que não estão no texto sânscrito (SARGEANT, 2009). Sendo assim, a versão de Sai Baba é algo como uma “nova versão” da Gītā, semelhante a uma recuperação do texto e do significado originais, uma vez que, como ele se considerava um deus, então a mensagem da Gītā foi revelada por ele no passado, na encarnação como Krshna. Com isso ele se sentiu completamente livre para revelar um texto e um significado diferentes do convencional. A simplicidade da sua linguagem e das suas interpretações estão presentes também neste texto, em um grau que alguns trechos do diálogo entre Krshna e Arjuna mais parecem uma conversa entre compadres. De modo que, também,

---

[23] Idade da Pedra: de 2,5 milhões a. e. c. até 3.300 a. e. c; Idade do Bronze: de 3.300 a. e. c. até 1.200 a. e. c.; Idade do Ferro: de 1.200 a. e. c. até 550 a. e. c.

aparecem frases insultantes que não estão presentes no texto convencional, o que estranha aqueles familiarizados com o texto original em Sânscrito, tal como as seguintes humilhações de Krshna dirigidas a Arjuna: “Você (Arjuna) declara que conhece tudo, mas, mesmo assim, você chora como uma mulher desamparada”. E logo em seguida, ainda se referindo a Arjuna: “... seus atos revelam você como um tolo” e “você é um ajnani (ignorante)” (BABA, 2002a: 28).[24]

Com tantas alterações por sua conta, era de se esperar, em virtude da sua precariedade escolar, que Sai Baba incluísse no texto ou nos comentários ideias absurdas e, algumas, até cômicas, tal como veremos em seguida. Primeiro, em um exemplo de ignorância histórica, ele mencionou em seu livro Gītā Vāhīnī: “Quando a fundação é forte, o edifício é duradouro. A Geetha (foi) construída sobre esta fundação 5.000 anos atrás” (BABA, 2002a: 06). Portanto, 3.000 a. e. c. na Idade do Cobre e do Bronze. As únicas civilizações conhecidas, naquela região, naquele tempo, foram as civilizações Harappa e Mohenjo-daro (3.300 a 1.300 a. e. c.), no atual Paquistão, ambas não eram civilizações védicas, sendo que o Mahābhārata está repleto de

---

[24] Existe outro diálogo entre Krshna e Arjuna no Mahābhārata (Livro 14, Ashwamedha Parva, capítulo 16), episódio que ficou conhecido por Anugītā (Canção Complementar), onde Krshna ofende Arjuna da seguinte maneira: “É extremamente desagradável para mim, o fato de você não ter compreendido a minha mensagem através da (sua) falta de inteligência. (...) Realmente, ó Filho de Pāndu (Arjuna), você é desprovido de fé e (dotado) de um péssimo intelecto” (Anugītā, Capítulo 01 – TELANG, 1998: 230). O diálogo se assemelha em muitas passagens à Bhagavad Gītā, apenas com palavras distintas para transmitir as mesmas ideias, mas não alcançou o mesmo prestígio e a mesma popularidade da Bhagavad Gītā.

referências védicas. Pesquisas até agora confirmam que os povos destas antigas civilizações do Vale do Rio Indus apenas conheciam a escrita ideográfica, portanto muito provavelmente antes da introdução da língua sânscrita pelos povos Indo-arianos no continente indiano, a qual exige uma escrita alfabética, em razão da estrutura sintática e gramatical (Erdosy, 1997). Ora, esta é uma datação retirada da tradição, recheada de mitologia, tal como mencionada acima, ela não tem embasamento histórico, a datação precisa do Mahābhārata ainda é uma discussão entre os pesquisadores, uma vez que as evidências literárias e os achados arqueológicos são poucos, por isso persiste a dúvida. O que podemos afirmar com certeza é que os eventos, bem como o fim das sucessivas composições interpoladas, aconteceram na Antiguidade, ou seja, até o século III e. c., portanto não poderia ter a antiguidade que Sai Baba mencionou.

Em outra passagem da Gītā Vāhīnī, Sai Baba incluiu um diálogo entre Krshna e Arjuna, com frases que não aparecem no texto sânscrito original, as quais, além deste fato, pecam por um absurdo anacronismo histórico até cômico. Ou seja, a existência do termômetro e do sistema de medição de temperatura na época da Guerra do Mahābhārata, isto é, na Antiguidade. O diálogo é o seguinte: Krshna disse, “Arjuna, preste atenção a apenas um fato! Quão quente está o seu corpo agora? Ele deve estar cerca de 98 graus...” (Baba, 2002a: 57). Ora, não existia termômetro e tampouco o critério de medição de temperatura naquela época.

Veja abaixo um resumo da história da invenção dos primeiros termômetros, bem como, a história da criação das escalas de medição de temperatura, dispositivos também conhecidos por termoscópios no passado, a partir do século XVI e. c.

Galileo Galilei é geralmente reconhecido como o inventor do primeiro termômetro, em 1592 e. c., suspenso sobre um reservatório aberto, cheio de álcool colorido, um tubo estreito de vidro oco, no cimo do qual colocou uma esfera de vidro, também oca. Quando aquecido, o ar dentro da esfera expandia-se e borbulhava através do álcool. Arrefecendo a esfera, o líquido penetrava no interior do tubo. As flutuações da temperatura da esfera podiam assim ser observadas, anotando a posição do líquido dentro do tubo.

Em 1611 e. c., Bartolomeu Telioux, de Roma, desenhou um termoscópio dotado de uma escala; no entanto a sua descrição de tal dispositivo revela pouca compreensão dos princípios físicos envolvidos. O verdadeiro "termómetro" foi inventado pelo médico italiano Santorio Santorre que, cerca de 1612 e. c., desenvolveu um termoscópio a ar equipado com uma escala para leitura da temperatura. Sabe-se que em 1632 e. c., Jean Ray usou um termómetro de líquido em vidro, embora ainda com o topo aberto. Na segunda metade do século XVII e. c., o termômetro a ar era já muito conhecido, embora a sua eficácia deixasse bastante a desejar. Em 1644 e. c., por exemplo, Evangelista Torricelli descobrira a variabilidade da pressão do ar e, cerca de 1660 e. c., comprovou-se que o termómetro a ar reagia não só às mudanças de temperatura mas também às de pressão.

A solução para esse problema e também o grande passo seguinte na medição da temperatura fora dado em 1654 e. c. por Ferdinando II, grão duque da Toscana, que selou um tubo contendo álcool e tendo gravada uma escala arbitrária, dividida em 50 graus. Pelo fato de ser fechado, tal dispositivo não sofria a influência da pressão atmosférica, pois esta atuava de igual modo em todo o termômetro. Nascia assim o "termômetro florentino", primeiro termómetro de líquido

em vidro de construção selada e incorporando uma escala graduada.

O termômetro de líquido tornou-se amplamente conhecido após a publicação de um relatório da Academia del Cimento, de Florença, em meados do século XVII e. c. Um dos instrumentos construídos na Academia, composto por um tubo helicoidal com uma escala dividida em 420 graus, proporcionou uma excelente demonstração da expansibilidade do álcool e da sua eficácia como fluido termométrico. Vários outros termômetros, com escalas de 50 e de 100 graus, foram construídos naquela instituição; o grande problema com tais dispositivos residia na variação das escalas, de um modelo para outro, que só coincidiam em aparelhos iguais, não permitindo, portanto, uma escala de temperaturas uniforme.

Durante a década de 1660 e. c., Robert Hooke, da London Royal Society, estabeleceu os primeiros princípios de comparação entre termômetros de diferentes construções, evitando assim a necessidade de construir réplicas exatas de cada termômetro. O seu método consistiu em estabelecer dois pontos de congelação da água (início da solidificação e solidificação completa), criando uma escala entre -7 e +13 graus, obtidos em tempo de inverno e de verão, respectivamente. Ao longo das décadas seguintes, muitas escalas de temperatura foram concebidas, todas baseadas em um ou mais pontos fixos, arbitrariamente escolhidos; em 1778 e. c. foram contadas nada menos do que 27 diferentes escalas termométricas! Os pontos fixos tentados incluíam a temperatura do corpo humano, o ponto de fusão da manteiga e mesmo a temperatura das caves do Observatório de Paris...

No entanto, nenhuma escala foi universalmente aceite até cerca de 1714 e. c., quando Gabriel Fahrenheit, um fabricante holandês de instrumentos de

precisão, construiu os primeiros termômetros de mercúrio precisos e repetitivos. Fahrenheit fixou o ponto inferior (o “zero”) da sua escala de temperaturas à custa de uma mistura de gelo e de sal; esta era a temperatura mais baixa que ele podia reproduzir, e atribuiu-lhe o valor de “32 graus”. Para o extremo superior da sua escala, escolheu a temperatura normal do corpo humano, designando-a por “96 graus”. Porque 96 e não 100 graus? Outras escalas anteriores haviam sido divididas em 12 partes; Fahrenheit, aparentemente, para obter uma maior resolução, dividiu a sua escala em 24, depois em 48 e por fim em 96 partes. A escala de Fahrenheit ganhou grande popularidade, principalmente devido à repeptividade e à qualidade de construção dos termômetros por si produzidos.

Cerca de 1742 e. c., o sueco Anders Celsius propôs que o ponto de fusão do gelo e o ponto de ebulição da água fossem adoptados para definir uma escala de temperaturas. Celsius escolheu o “zero grau” como sendo o ponto de ebulição da água, atribuindo os “100 graus” ao ponto de fusão. Mais tarde, esses pontos foram invertidos e nascia a escala “centígrada” (que significa literalmente “dividida em cem graus”). Em 1948 e. c., o nome desta escala viria a ser oficialmente alterado para “escala Celsius”

Em outra passagem da Gītā Vāhīnī, Sai Baba cometeu outro anacronismo absurdo, ao mencionar a existência do canhão na Guerra do Mahābhārata, isto é, na Antiguidade, em uma passagem que também não existe no texto sânscrito. Além de anacrônicas, observe que as frases são cômicas: Arjuna disse: ‘Krshna! Você estava dizendo até agora de certos caminhos pelos quais nós alcançamos você. Agora, no fim de tudo, se você lançar esta bala de canhão, como eu posso jamais entender o seu significado? (BABA, 2002a: 149).

Deixando de lado a comicidade destas frases, a utilização do canhão, tal como qualquer outra arma de fogo, dependeu primeiramente da invenção da pólvora pelos chineses, nos séculos IX e X e. c. Portanto, muitos séculos depois da ocorrência da Guerra do Mahābhārata, caso este evento tenha realmente ocorrido, bem como do período das composições do texto na Antiguidade. Originalmente desenvolvida pelos alquimistas taoístas para fins medicinais, a pólvora foi usada pela primeira vez na guerra por volta de 904 e. c. Sendo uma das quatro grandes invenções, a pólvora se espalhou por muitas partes da Eurásia até o final do século XIII e. c. A primeira referência confirmada, ao que pode ser considerado pólvora na China, ocorreu no século IX e. c., durante a dinastia Tang, primeiro em uma fórmula contida no Taishang *Shengzu Jindan Mijue* em 808 e. c., e depois em cerca de 50 anos mais tarde, em um texto taoísta conhecido como *Zhenyuan Miaodao Yaolüe*. O Taishang Shengzu Jindan Mijue menciona uma fórmula de pólvora composta de seis partes de enxofre a seis partes de salitre e uma parte de erva de natalidade.

Primeiramente apreciada por seu barulho e usada em fogos de artifício, não demorou muito para perceber que a pólvora também poderia ser usada em uma arma. Em 1225 e. c., a receita da pólvora abriu caminho para o oeste, ao longo das rotas comerciais e, em um século, os projetos de canhões europeus ganharam vida. O canhão evoluiu de lanças com tubos anexados contendo pólvora e projéteis para um lançador de ‘bolas de fogo’. O projeto básico surgiu por volta de 1300 e. c., projéteis e pólvora foram carregados em um grande recipiente cilíndrico com um pequeno orifício na extremidade sólida para um fusível. Quando aceso, o estopim explodia a pólvora, produzindo um gás em rápida expansão que impulsionava os projéteis mais

longe do que poderiam ser lançados ou arremessados. O design evoluiu de cilindros de bambu, couro, madeira e pedra, para bronze, cobre, ferro e aço. Portanto, não existia canhão na Antiguidade.

2.3. A Ignorância sobre Astronomia

Em uma passagem acima, foi mencionado que Sathya Sai Baba foi elogiado, pelo apresentador de um dos seus escritos, como um pregador que utilizava "... instrumentos antigos e modernos, Sanathana Dharma e Ciência...". Ele ensinou sobre o Sol em seu comentário no Gītā Vāhīnī, entretanto, o que observaremos abaixo, será, mais uma vez, que o que ele ensinou foi o contrário de um encontro entre religião e ciência, em virtude da sua ignorância científica, ou seja, ideias extraídas da mitologia e, consequentemente, um amontoado de antigas especulações cientificamente incomprovadas e obsoletas. Assim, antes de analisar estas observações, será preciso informar, resumidamente, o que a atual Astronomia conhece sobre o Sol. Portanto, veja abaixo um resumo da história do processo de pesquisa, bem como, os resultados alcançados até agora sobre a estrela do Sistema Solar.

Um personagem mítico e objeto de adoração nas religiões de quase todos os povos da Antiguidade (o deus Ra dos egípcios, Utu-Shamash dos sumérios, Sūrya dos hindus, Tonatiuh dos astecas, Helios da religião grega, Sol Invictus dos romanos, etc.), cujo gradual aumento do conhecimento científico lhe retirou gradualmente a sua sacralidade, na medida em que se descobria que o Sol não era aquela magnífica sublimidade que os religiosos antigos lhe atribuíam. Pois, o Sol não é somente benéfico, ele tem reações que prejudicam, tais como a emissão de raios ultravioleta, de raios-X, e de explosões solares que emitem radiações

nocivas. Conforme a intensidade, a exposição do indivíduo ao Sol poderá causar câncer de pele, também a intensa incidência de raios ultravioleta é prejudicial aos olhos. O que neutraliza, em grande parte, a nocividade do Sol é a Camada de Ozônio, portanto, é cômico pensar que os antigos deveriam adorar o Sol e, simultaneamente, a Camada de Ozônio também, porém eles não tinham conhecimento da existência desta camada atmosférica. Este exemplo histórico serviu para mostrar a diferença entre atribuir divindade para algo concreto, portanto investigável (o Sol), e atribuir divindade para algo abstrato, portanto, impalpável (o deus supremo além do tempo e do espaço). Este é o motivo pelo qual as religiões do passado que adoravam deuses concretos, (o Sol, a Lua, a natureza, etc.) não sobreviveram, uma vez que os seus objetos de adoração foram desmistificados e dessacralizados, enquanto as que adoravam deuses abstratos e imperceptíveis sobreviveram até os dias de hoje (BOTELHO, 2021: 03).

O Sol foi formado há 4,6 bilhões de anos. Resumidamente, sua história é a seguinte. Uma nuvem de poeira cósmica e de partículas de gás de hidrogênio movimentando-se em torvelinho no espaço entre as estrelas tornou-se densa o bastante para se aquecer. A poeira e o gás entraram em colapso sob a ação da própria gravidade e a nuvem, chamada de nebulosa solar, começou a girar e achatar-se no sentido da forma de um disco. O centro do disco começou a brilhar à medida que ele ficava mais quente e mais denso. Neste estágio, o centro do disco, o qual continha a maioria da massa, ainda não era uma estrela, mas uma protoestrela. Tão logo a protoestrela tornou-se densa e quente o suficiente, o processo de fusão nuclear pode começar e uma estrela nasceu. Logo após a formação do Sol no centro do disco, os planetas do Sistema Solar se formaram a partir dos detritos que circulavam o Sol

(Langmuir, 2012: 98 e para aprofundamento: Baggott, 2018: 146-70).

Desde que foi formado, o Sol ficou maior e mais brilhante. Ele é 30% mais brilhante do que era há 4,6 bilhões de anos. Ele já consumiu 37% do seu combustível hidrogênio, convertendo em hélio. O hidrogênio restante durará por mais 5 bilhões de anos.

O Sol é classificado como uma estrela do tamanho médio, por isso ele seguirá o ciclo de vida das estrelas desta categoria. Em 5 bilhões de anos, ele ficará maior, mais quente e mais brilhante, em razão do colapso do seu núcleo, daí se tornará uma Gigante Vermelha, ficará 170 vezes maior do que é hoje, então engolirá Mercúrio de Vênus, e a Terra será incinerada. Ele ficará 2,3 mil vezes mais brilhante do que é agora. Nada sobreviverá na Terra.

Em 3 bilhões de anos, os oceanos da Terra terrão evaporados e a superfície será derretida. Depois de se tornar uma Gigante Vermelha, o Sol se transformará em uma Anã Branca. O processo acontecerá da seguinte maneira. O núcleo do Sol contrairá e se tornará muito mais quente, quente o suficiente para queimar hélio. Quando o hélio acabar, o núcleo se contrairá novamente, mas os processos nucleares continuarão, uma vez que o hélio se funde em carbono, produzindo energia suficiente para paralisar a contração. Mas carbono não pode tornar-se combustível de fusão para o Sol, tal como ele pode fazer no caso de estrelas maiores. Então, daqui 50 ou 100 milhões de anos, as fontes combustíveis do Sol esgotarão. Visto que o carbono queima em seus estágios finais, as camadas externas do Sol serão lançadas no espaço, onde elas provavelmente formarão uma bola nebulosa planetária, uma massa de gás e poeira estelar.

Posteriormente, o núcleo do Sol se transformará em uma estrela Anã Branca, ou seja, uma bola branca

quente de matéria muito densa, do tamanho da Terra, uma vez que o Sol não terá mais fonte de combustível, por isso não poderá mais realizar reações nucleares. Por fim, o Sol esfriará, perderá todo o seu calor e, finalmente, se transformará em uma densa, fria e escura estrela conhecida por Anã Negra.

As primeiras sondas espaciais de exploração do Sol foram as Pioneers 6, 7, 8 e 9, lançadas entre 1959 e 1968. Estas sondas orbitaram o Sol a uma distância similar àquela da Terra, fizeram as primeiras medições detalhadas do vento solar e do campo magnético solar. A Pioneer 9 operou por um tempo particularmente longo, transmitindo dados até maio de 1983. Nos anos 1970, duas espaçonaves Helios e o Apollo Telescope Mount do Skylab forneceram aos cientistas novos dados sobre o vento solar e a corona solar. Em 1980, a Missão Solar Maximum foi lançada pela NASA. Esta sonda foi projetada para observar os raios gama, os raios X e a radiação ultravioleta das explosões solares durante um momento de alta atividade solar e a luminosidade solar. Lançado em 1991, o satélite japonês Yohkoh observou as explosões solares em cumprimento de onda de raio X.

Uma das mais importantes missões até hoje foi o Solar and Heliospheric Observatory (SOHO) construído em conjunto pelas Agencia Espacial Europeia e a NASA e lançado em outubro de 1995. Situado no ponto Lagrangain entre a Terra e o Sol (no qual a atração gravitacional de ambos é igual), o SOHO tem fornecido uma constante visão do Sol em muitos cumprimentos de onda desde o seu lançamento. O Solar Dynamics Observatory (SDO) foi lançado em fevereiro de 2010.

Todos estes satélites têm observado o Sol desde o plano da eclíptica, e então têm observado somente suas regiões equatoriais em detalhes. A sonda Ulysses foi lançada em 1990 a fim de estudar as regiões polares

do Sol. A missão Solar Terrestrial Relation Observatory (STEREO) foi lançada em outubro de 2006. A Parker Solar Probe foi lançada em 2018 e alcançará uma proximidade do Sol nunca alcançada antes (0,046 AU) em 2025.[25]

As principais características do Sol:

- Classificação: estrela G2V ou estrela Anã Amarela
- Idade: 4,6 bilhões de anos, atualmente ele é 30% mais brilhante do que era no início.
- Composição: hidrogênio 73%, hélio 25%, oxigênio 0,9%, carbono 0,4%, ferro 0,2%, neon 0,1%, nitrogênio 0,1%, magnésio 0,06%, silício 0,06% e sulfúreo 0,04%.
- Diâmetro: 1,39 milhões de km (109 vezes o tamanho da Terra). Se o Sol fosse do tamanho de uma bola de basquete, a Terra seria do tamanho da cabeça de um alfinete.
- Distância da Terra: aproximadamente 150 milhões de km, portanto um automóvel na velocidade de 80 km/h levaria 214 anos para alcançar o Sol.
- Distância do centro da Via Láctea: 27,2 mil anos-luz, portanto o Sol e o Sistema Solar estão na periferia da Via Láctea.
- Movimento rotacional: 25,6 dias no equador e 33,5 dias nos polos (por ser gasoso, o Sol não

[25] Uma proximidade de apenas 4,3 milhões de milhas (6,9 milhões de km) do Sol, bem mais próxima do que o planeta mais próximo, Mercúrio, o qual está a 0,39 AU do Sol, ou seja, 36,5 milhões de milhas (58,5 milhões de km). A Terra está a cerca de 94 milhões de milhas (150 milhões de km) do Sol.

possui um movimento rotacional homogêneo, tal como a Terra que é um planeta rochoso)

- Movimento orbital: de 225 a 250 milhões de anos para completar uma órbita em torno da Via Láctea, então deve ter completado de 20 a 25 órbitas desde a sua formação.
- Velocidade orbital: aproximadamente 251 km/s, nesta velocidade orbita junto com o Sol todo o Sistema Solar.
- Temperatura na superfície: 5.538º C (10.000º F).
- Temperatura no núcleo: 15.000.000º C (27.000.000º F)
- Volume: 1,3 milhões de vezes mais que a Terra
- Massa: 333 mil vezes mais que a Terra, portanto algo que pesa 35 kg na Terra pesará cerca de uma tonelada no Sol.
- Tempo restante de vida: 5 bilhões de anos como Anã Amarela, quando se transformará em uma Gigante Vermelha, então engolirá os planetas Mercúrio e Vênus, e em seguida incinerará a Terra.

Então Sai Baba, a partir de primitivas noções mitológicas sobre o Sol, quase todas elas atualmente incompatíveis com as consolidadas ideias da moderna ciência astronômica, cujo Sol é uma divindade (Sūrya), com sentimentos, pensamentos e decisões próprias, portanto uma fantasiosa visão antropomórfica do Sol, continuou a tradução do discurso assim. Após sugerir que a temperatura do corpo de Arjuna estava a 98 graus, Krishna disse: "... O Sol suporta muitos milhões de vezes este calor naquela distância, não é? Agora, se o Sol sente que ele não suportará todo aquele fogo e se torna frio, o que acontecerá à humanidade"? (BABA, 2002a:

58). Primeiro, estas palavras e estas frases não aparecem no texto original sânscrito do Gītā, são traduções digressivamente interpretativas, tal como muitas outras em sua versão deste diálogo, tão estimado pelos hindus. Também, dizer que “o Sol suporta muitos milhões de vezes este calor ...” e que: “o Sol sente que ele não suportará todo aquele fogo...” é uma perspectiva mitológica do Sol, carregada de antropomorfismo da Antiguidade pré-científica, portanto, em nada astronômica. Até um aluno dos primeiros anos do ensino básico sabe que o Sol não possui sentimento.

Mais uma mitológica visão antropomórfica do Sol, agora incluindo a Terra, com tomada de decisão própria: “... Se a Terra e o Sol recusassem a executar os seus respectivos deveres, o que acontecerá com o mundo ...”? (BABA, 2002a: 57). Ora, o Sol, tampouco a Terra, não funciona movido por um dever, este último é uma necessidade própria do comportamento humano, enquanto que o Sol funciona mediante um determinismo conforme a sua natureza física e química.

E a ignorância astronômica continua: “e o Sol é a fonte do Tempo. Sūrya (Deus-Sol) é o pai do Tempo (Kāla), tal como as Shastras (escrituras sagradas) declaram ...” (BABA, 2002a: 62). O Sol não é a fonte do tempo, tampouco o seu pai, uma vez que o Sol é uma estrela, tal como as trilhões de outras no universo, se assim fosse, então o universo teria trilhões de fontes, e não uma fonte única. Esta é, mais uma vez, uma desatualizada noção mitológica e supersticiosa do Sol, visto que não é o Sol que proporciona a noção de tempo, mas sim o movimento orbital da Terra em torno do Sol. Esta primitiva noção foi retirada da época em que ainda se acreditava que era o Sol que girava em torno da Terra, de modo que o seu posicionamento no céu

proporcionava à humanidade de noção de tempo, sobretudo o amanhecer, o ápice e o anoitecer, bem como as estações do ano. E em seguida, algumas ideias ainda mais absurdas sobre o Sol: “O Sol limita e regula a número de anos da cada um que vive. O Sol diminui a cada dia uma porção da duração de vida de uma pessoa. Assim, o Sol é o árbitro supremo, o criador do destino do homem” (Idem: 62). Bem, a única hipótese, muito conjetural, para o Sol limitar e diminuir o número de anos de vida de uma pessoa, seria se esta pessoa se expusesse demasiadamente ao Sol e desenvolvesse câncer de pele, e morresse em decorrência desta doença, ou se alguém permanecesse demasiado tempo no Sol e morresse de desidratação, tal como um faquir, hipóteses que são muito improváveis. Não existe causa, quer física, química ou biológica, que justifique o fenômeno da limitação e da diminuição de vida de alguém pela ação do Sol, a ideia é pura fantasia. Também, da mesma maneira, hipótese de que o “Sol diminui a cada dia uma porção da duração de vida de uma pessoa” é outra aberração científica. Ao contrário, ao se expor prudentemente e moderadamente ao Sol, a duração de vida poderá ser estendida, ao invés de diminuída, em virtude da maior absorção de Vitamina D, uma vez que o Sol é fonte deste nutriente. Que o “Sol é o árbitro supremo, o criador do destino do homem”, é outra ignorância científica extraída da mitologia e da astrologia dos antigos.

Sobre as virtudes morais do Sol, ele observou: “Ele (o Sol) executa seu Dever sem a ideia de recompensa. Ele é humilde e firme em seu trabalho. (...) Ele não tem pretensões de orgulho. Ele atua acima disto despreocupado com as consequência de sua missão de servir”. (Idem: 62-3). Todos nós devemos ter compaixão

do Sol, pois veja a sua paciência: “Imagine a paciência com a qual o Sol suporta todo aquele calor por causa do mundo e da humanidade” (Idem: 63).

E o que é até cômico: “É ele (o Sol), que mantem o corpo humano aquecido e confortável. Este corpo material está tão repleto de energia e inteligência em virtude da Energia Solar que ele absorve. Se o Sol se descuidar por um momento, o mundo será consumido pelas chamas ...” (Idem: 63). Se assim fosse, os povos das regiões mais ensolaradas, tal como os africanos, seriam os povos mais saudáveis e mais inteligentes da Terra. E “se o Sol se descuidar por um momento, o mundo será consumido pelas chamas”, então o Sol tem vontade própria. Esta ideia é tão absurda, que poderia ser incluída no roteiro de um filme de comédia. Tal como já mencionamos antes, o Sol não é só benefício, ele também causa malefícios.

E ainda mais, “O Sol é a fonte de toda vida, planta e animal neste planeta” (Idem: 62). Hoje sabe-se muito comprovadamente que o Sol não é a origem da vida na Terra, ele apenas auxiliou no desenvolvimento e na diversificação da vida depois do surgimento. A hipótese cientificamente mais reconhecida atualmente é a de que a vida na Terra surgiu no fundo dos oceanos, através das aberturas hidrotermais, as quais emitiram vapores oriundos do interior da Terra, carregados de elementos que, quando combinados com a água, foram capazes de formar os primeiros micro-organismos unicelulares. Veja abaixo um resumo das principais hipóteses da atualidade.

Alguns cientistas sugerem que a vida se originou de uma “sopa primordial” de compostos orgânicos dissolvidos em água, outros favorecem uma origem ao redor de fontes hidrotermais no fundo dos oceanos, e

também há a teoria da panspermia, segundo a qual a vida teria se originado em outro planeta e vindo até a Terra de carona em um cometa. A hipótese mais aceita atualmente é a de que a vida começou há mais de 4 bilhões de anos, através do fenômeno das aberturas hidrotermais no fundo do oceano, também conhecidas por chaminés hidrotermais (inglês: Hydrothermal Vents), o que foi capaz de combinar os elementos necessários para a formação da vida. Entretanto existem outras evidências que sugerem que as primeiras evidências de vida na Terra incluem grafite biogênica encontrada em rochas metassedimentares de 3,7 bilhões de anos na Groenlândia Ocidental e fósseis de tapete microbiano encontrados em arenito de 3,48 bilhões de anos na Austrália Ocidental. Mais recentemente, em 2015, "restos de vida biótica" foram encontrados em rochas de 4,1 bilhões de anos na Austrália Ocidental. Em 2017, foi anunciado que supostos micro-organismos fossilizados (ou micro fósseis) foram descobertos em precipitados de fontes hidrotermais no Cinturão Nuvvuagittuq de Quebec, Canadá, que tinham até 4,28 bilhões de anos, o registro mais antigo de vida na Terra, sugerindo uma ocorrência quase instantânea do surgimento da vida após a formação dos oceanos, há 4,4 bilhões de anos, e não muito depois da formação da Terra, há 4,54 bilhões de anos (para aprofundamento, consultar: BAGGOTT, 2018: 215-9 e LANGMUIR, 2012: 280-2; para conhecer algumas das antigas fontes mitológicas nos Purānas, utilizadas por Sai Baba, sobre o Sol, consultar: BOTELHO, 2021).

Também alguns elogios delirantes de seus devotos deslumbrados são da natureza de uma ignorância cientifica, pois “... ele (Sai Baba) mantém o universo girando e as flores desabrochando” (Palmer, 2005: 103). Ora, dizer que o “universo gira” é uma monstruosa ignorância astronômica, extraída da antiga e

desatualizada noção geocêntrica da astrologia, quando se pensava que a Terra era o centro do universo e tudo (o Sol, a Lua, e as estrelas) girava em torno dela. Atualmente sabemos, com certeza, que apenas a Lua gira em torno da Terra, os planetas do Sistema Solar giram em torno do Sol e o Sistema Solar gira em trono do centro da Via Láctea, bem como as estrelas, os exoplanetas, os buracos negros e os satélites naturais giram em torno do centro de suas galáxias, porém, por enquanto, é ainda impossível perceber se o universo todo gira em torno de alguma coisa, uma vez que, o que é possível de observar atualmente é que o universo está se expandindo, portanto uma dificuldade de que ele possa estar girando em torno de algum centro.

Em outra publicação, Upanishad Vāhīni, Sai Baba explicou o tempo da seguinte maneira: “Samvathsara (ano completo) é um indicador do Tempo, de acordo com a posição do Sol”. Bem, o Sol não muda de posição em relação aos planetas do Sistema Solar, pois está fixo no seu centro, o Sol se move, através de um movimento orbital, apenas em relação ao centro da galáxia, juntamente com o Sistema Solar. Esta ideia foi retirada do calendário hindu baseado na antiga astrologia que entendia que o Sol girava em torno da Terra O que muda de posição são os planetas, portanto o Sol não é “indicador do Tempo”, o que nos permite a noção de tempo são os movimentos orbitais e rotacionais da Terra. “O tempo é apenas uma série de dias e noites, e estas são fases causadas pelo Sol”. O Sol não causa fases, estas últimas são causadas pela movimento orbital e de rotação da Terra, portanto a noção de “dias e noites” é causada pelo movimento rotacional da Terra. “A rotação da Lua causa Tithis (dias do mês lunar) ou estágios em plenitude”. A Lua não executa rotação, pois está sempre com a mesma face voltada para a Terra, seu movimento rotacional é

somente em relação ao Sol, e muito lento, por isso a Lua não é capaz de criar a noção de dias do mês lunar (Tithis) para alguém que está na Terra. O que cria a noção de dias é o movimento rotacional da Terra. (...) “portanto, o Tempo, que é delimitado pelos trópicos, pelas estações, pelos meses, etc.”. O Tempo não é delimitado pelas trópicos. Os trópicos de Câncer e de Capricórnio são linhas imaginárias que cortam a Terra no sentido horizontal. O Trópico de Câncer é uma linha imaginária que corta a Terra do Equador até 23º27’ ao norte, enquanto o Trópico de Capricórnio é uma linha também imaginária que corta a Terra do Equador até 23º27’ ao sul. Esta são ideias muito antigas retiradas da época cujo conhecimento astronômico era muito primitivo, bem como o conhecimento de Física e a Astrofísica ainda não existia, ou seja, muito antes da criação da Teoria da Relatividade de Einstein, teoria esta que foi um divisor de águas no estudo do tempo (BABA, 2002b: 56).

2.4. A Ignorância sobre Cosmologia

Uma disciplina da Ciência que ganhou muito impulso de desenvolvimento, a partir das segunda metade do século XX, foi a Cosmologia, consequentemente hoje é possível conhecer o universo como nunca. A Cosmologia utiliza-se de três áreas cientificas, a Astronomia, a Astrofísica e a Física de Partículas. O conhecimento alcançado, nas últimas décadas, é tão aprofundado que, para os que não acompanharam o desenvolvimento, este conhecimento parece ideia retirada da ficção científica, por isso muitos hoje desacreditam. Não apenas na Cosmologia, mas em quase todas as áreas da Ciência, o rápido e aprofundado desenvolvimento a partir da segunda metade século passado, criou uma distância, nunca tão sentida antes,

entre o conhecimento popular e o elevado conhecimento científico. Esta distância se torna ainda maior quando o leigo é alguém com pouca escolaridade e ainda confiante nos desatualizados ensinamentos das tradições antigas, tal como o caso de Sathya Sai Baba.

O conhecimento da Cosmologia pelos cientistas hoje é muito diferente das noções rudimentares dos antigos sobre o Universo, ao ponto de podermos dizer que, aquilo que os antigos conheciam como Universo não é o que conhecemos hoje como Universo, era apenas o céu visível ao olho nu, tal como ele parecia ao observador, ou seja, antes da criação dos sofisticados instrumentos para a exploração e para a observação do espaço (telescópio, sonda espacial, viagem tripulada, radiotelescópio, observatório orbital, estação espacial, robô rover e observatório espacial – James Webb). Em outras palavras, aquilo que os antigos pensavam ser o Universo, a rigor, era apenas a aparência do Universo, ou seja, eles só conheciam a superfície do Universo, por isso, em muitos casos, introduziam elementos subjetivos no entendimento do Universo, isto é, fatores cognoscitivos na especulação, tal como veremos adiante. Um exemplo é o emprego da palavra sânscrita प्रपञ्च - Prapancha[26] para designar o Universo, tal como

---

[26] प्र (pra = pro) + पञ्च (pancha = cinco) literalmente: "em direção ao cinco". Deve signifcar o movimento da consciencia na difeção dos Tattwas da Objetividade, distribuidos em grupos de cinco elementos:
Os 5 Órgãos do Conhecimento (ज्ञानेन्द्रियाणि - Gnānendriyāni ou Buddhendriyāni):
Ouvido (श्रोत्रं - Shrotram); Pele (त्वच् - Twach); Olho (चक्षु - Chakshu); Língua (जिह्वा - Jihwā) e Nariz (नासा - Nāsā)
Os 5 Órgãos da Ação (कर्मेन्द्रियाणि - Karmendriyāni):

na citação abaixo, a qual se distancia muito do que entendemos por Universo atualmente. Prapancha está mais para o sentido de mundo visível que é ilusório e no sentido de encenação da ação da multiplicidade, portanto tem um tanto de subjetividade, portanto não é uma percepção absolutamente objetiva do Universo. Possui tanto de subjetivo que a palavra pode significar também aparência, exibição, fenômeno, truque, ilusão, fraude, engano e diversidade (APTE, 1978: 660 e learnsanskrit.cc).

Assim sendo, em uma tentativa de simplificar o Universo, Sai Baba resumiu da seguinte maneira: “Existem duas partes em cada substância no universo: Nome (Nama) e Forma (Rūpa)” (BABA, 2002a: 124). Ora, afirmar que o Universo se resume em “Nome e Forma” é uma hipersimplificação extrema, somente os antigos especuladores desequipados poderiam pensar assim. Também, Nome (Nama) não pode ser parte de uma substância, uma vez que não possui materialidade, Nome é uma faculdade mental. A doutrina hindu de que o som (shabda) compenetra todo o universo foi desmentida quando se descobriu que, para que exista o som, é preciso que exista atmosfera, o som não propaga no vácuo. Ou seja, O som não pode propagar-se no

---

Voz (वाच् - Vāc); Mãos (पाणि - Pāni); Pés (पाद - Pāda); Anus (पायु - Pāyu) e Órgão de reprodução (उपस्थ - Upastha)

Os 5 Princípios Sutis (तन्मात्राणि - Tanmātrāni):

Som (शब्द - Shabda); Tato (स्पर्श - Sparsha); Forma (रूप - Rūpa); Gosto (रस - Rasa) e Odor (गन्ध - Gandha).

Os 5 Elementos Densos (महाभूतानि - Mahābhūtāni):

Éter/espaço (आकाश - Ākāsha); Ar (वायु - Vāyu); Fogo (तेजस् - Tejas); Água (अप् - Ap) e Terra (पृथिवी - Prthivī)

espaço, pois, nesse ambiente, existe o vácuo. Por não haver moléculas no ambiente, as ondas sonoras não são transmitidas, e o resultado de uma explosão no espaço seria o silêncio, o som só é produzido e propagado em um ambiente atmosférico. O som não se propaga fora da atmosfera porque as ondas sonoras precisam de um meio de propagação. As ondas mecânicas (ondas do mar, ondas do som da voz, onda do choque entre objetos e onda de som de ruído) precisam de um meio de propagação, enquanto que, as ondas eletromagnéticas (luz, raio X, ondas de rádio e micro-ondas) não precisam do meio de propagação, um exemplo é a luz do Sol que atravessa 150 milhões de km no vácuo até alcançar a Terra, uma vez que a luz do Sol não viaja através de onda mecânica, mas sim através de onda eletromagnética. Portanto, não é possível emitir som na Lua, visto que neste satélite natural não existe atmosfera. Bem como, a doutrina hindu do som primordial (OM) nunca foi comprovada a sua existência, tampouco que existe uma Mente Universal.

E em continuação: “Retire estes dois (Nome e Forma) e não haverá mais Prapancha ou Universo. A Rūpa (Forma) dependa do Nome” (Idem: 124). Bem, o Universo não deixa de existe com a retirada do Nome e da Forma, o Universo é infinitamente maior que estes dois. “A Rūpa (Forma) depende do Nome” é uma percepção subjetiva do Universo, e não cosmológica.

2.5. A Ignorância sobre Evolução

Sai Baba elogiou os Upanixades em seu livro Upanishad Vāhīnī. “Eles não são produtos da inteligência humana. Eles são os sussurros de Deus ao homem. Eles são partes dos Vedas eternos. Os Vedas brilham gloriosamente em todas as suas partes. Os Upanishads são autênticos e confiáveis, pois

compartilham a glória dos Vedas" (BABA, 2002b: 05). No entanto, quando percebidos desde uma perspectiva histórica e evolucionista, desprendida da pregação e da exaltação de perpetuidade dos seus admiradores, os Upanixades são bem compreendidos e bem encaixados quando circunscritos em sua época, qual seja, a Antiguidade, e em seu lugar. Eles representam um avanço cultural muito à frente dos outros povos contemporâneos. Entretanto, a tentativa dos apologistas de atualizar ou de eternizar as especulações primitivas destes antigos textos é uma improcedência, em razão do obsoletismo de quase todas as suas especulações. O argumento de que sua sabedoria trata de temas eternos não procede, uma vez que suas especulações foram desenvolvidas em uma época, na qual nem sequer se conhecia as coisas e os fenômenos mais simples que nos rodeavam, quanto mais acreditar que os especuladores daquela época tenham acertado na realidade sobre as coisas e os fenômenos mais distantes e mais complexos. Se assim fosse, as ideias destes antigos especuladores até hoje coincidiriam com as atuais certezas científicas, porém, estas coincidências não ocorrem. Os Upanixades não tratam apenas do relacionamento entre Brahman e Ātman, tal como muitos pensam, este tema foi apenas a culminação, e é mais frequente apenas nos trechos mais tardios dos Upanixades. Os assuntos especulados foram diversificados (a origem e a criação do universo, a natureza das coisas e dos fenômenos, a cognição e os estados de consciência, a natureza da mente, a fisiologia do corpo humano, a energia vital, a alma, a realidade subjacente ao mundo, a libertação, etc.), empreendidos mediante os limitados recursos investigativos da época, cujos resultados logo se tornaram obsoletos com o passar dos anos, da mesma maneira tal como ocorreu

com as especulações de outros povos da Antiguidade (China, Grécia e Roma).

Em grande parte, a ideia de atualidade dos temas upanixádicos acontece em virtude da maneira pelas quais são traduzidas algumas palavras chaves por tradutores e intérpretes apologistas nos dias de hoje. Por exemplo, quando agora se traduz a palavra विद्या - *Vidyā* por "Ciência", o leitor atual pensará imediatamente que o primitivo conhecimento especulativo (*Vidyā*) dos Upanixades corresponde à Ciência Moderna, com todo o acúmulo das milhares de descobertas ocorridas, bem como os aperfeiçoamentos metodológicos, após o período upanixádico. O especulador upanixádico que questiona se a origem do mundo está na Água (आपः – *āpah*)[27] está muito distante do atual cientista sofisticado que tenta reproduzir o fenômeno do *Big Bang*, em escala infinitamente menor, em um Acelerador de Partículas. As especulações dos Upanixades são tão primitivas, que não chegam nem sequer ao estágio de uma protociência. De modo que, a tradução mais precisa para a palavra *Vidyā*, quando mencionada no sentido especulativo, é "conhecimento primitivo". O mesmo acontece com a tradução da palavra दर्शन - *Darshana* por "Filosofia", uma tradução mais precisa é "Visão de Mundo" com base em especulações. A Ciência e a Filosofia sofreram muitas alterações em seus significados ao longo da história, à medida que foram se desenvolvendo em diferentes épocas e em distintos lugares, bem como esta dinâmica não foi uniforme em todas as partes do mundo, alternando progressos, estagnações e até retrocessos. Enfim, a atualização dos temas especulativos dos Upanixades, tal como pretendem alguns apologistas e alguns intérpretes, é, portanto, o produto de um delírio anacrônico (BOTELHO,

---

[27] *Brhadāranyaka Upanishad,* V.05.01.

2022: 34-5 e para aprofundamento no estudo da relação entre religião e evolução humana, ver: BELLAH, 2011).

Também, ele afirmou que “o sábio Vyāsa classificou os Upanixades e os distribuiu entre os quatro Vedas” (BABA, 2002b: 06). Entretanto, esta é uma alegação mitológica, primeiro porque não existem provas de que Vyāsa realmente existiu, segundo que, na época da sua suposta existência, nem todos os Upanixades já estavam compostos, uma vez que sabemos que a composição destes textos foi um longo processo, o qual se estendeu por muitos séculos, e foram compostos por muitos distintos autores anônimos. Veja o que os estudos mais atualizados concluem: “Não é possível atribuir autorias individuais para os Principais Upanixades. A atribuição de autoria individual para uma obra é uma prática relativamente recente na literatura religiosa da Índia. Nas mais antigas, o direito de autoria pertencia mais à tradição que transmitia a obra do que ao autor da composição inicial, por conseguinte a liberdade dos transmissores de alterarem os textos, o que resultou em uma enorme quantidade de textos antigos alterados e interpolados. Ou seja, as tradições responsáveis em transmitir o texto se consideravam como proprietárias da obra, pois não existia ainda legislação de direitos autorais. Por isso alguns Upanixades receberam o nome da tradição que os transmitia: *Aitareya Upanishad, Taittirīya Upanishad, Katha Upanishad,* etc. Nos tempos védicos, estas escolas de transmissão textuais eram conhecidas por शाखाः-*Shākhās* (ramos védicos, escolas védicas de transmissão)” (BOTELHO, 2022: 21).

Ademais, que os Upanixades “são 1180 em número” (BABA, 2002b: 05). As pesquisas literárias não confirmam esta afirmação. “O número de Upanixades existentes poderá ser tão grande quanto a arbitrariedade de se atribuir a um texto o nome de Upanixade. Pois, a

partir de certa época em diante, iniciou-se uma prolífera produção de textos com o nome de Upanixade, na intenção de conectá-los à tradição védica e, consequentemente, alcançar reconhecimento canônico, aproveitando-se do prestígio e da autoridade que estes antigos textos tinham obtido no seio da ortodoxia hindu. A liberdade de composição de textos com este nome foi tão grande que até mesmo um texto com o título islâmico de *Allah Upanishad*, século XVI e. c., pode ser encontrado. Outro, ainda mais recente, composto pelo teólogo cristão Dhanjibhai Fakirbhai, com o título de *Khristopanishad* (*Christ-Upanishad*), em 1965, no qual Jesus é descrito no estilo upanixádico.[28] (Cohen, 2018: 05). Professor Weber catalogou 235 Upanixades em 1876. Parece que a publicação mais completa é a de J. L. Shastri, em 1970, contendo 188 Upanixades com o nome de *Upanishad Sangraha*. A tradição vedantina considera como canônicos os 108 Upanixades enumerados no *Muktika Upanishad*"[29] (BOTELHO, 2022: 22).

2.6 A Ignorância sobre Cognição

Logo nos primeiros parágrafos da Upanishad Vāhīnī, Sai Baba emitiu a seguinte ideia sobre a percepção sensorial: "... porque ele (o indivíduo) está emaranhado nas características dos Cinco Elementos,

---

[28] Na página de rosto deste livro é mencionado que este teólogo é também autor de um texto com o nome de *Premopanisahd* (*Upanishad* do Amor - Prema). Existe outro livro, também com o título de *Premopanishad* (2002), de autoria de Mahārajapuram N. Krishnamani, sobre os ensinamentos de Sathya Sai Baba.

[29] Lista completa com a classificação por gêneros em Cohen, 2018: 04-5.

que são: som, tato, forma, gosto e odor (...) Enquanto emaranhado nos cinco elementos, o homem é atraído, distraído e desapontado por eles" (BABA, 2002b: 01). No passado, se pensava que a percepção sensorial humana e animal se limitava a estas cinco capacidades sensoriais (exterocepções), pois são as mais notáveis. Estas são percepções de estímulos externos ao corpo. Entretanto, hoje sabemos que estas não são todas as capacidades sensoriais possíveis, pois existem as capacidades sensoriais que só foram descobertas recentemente, através da pesquisa neurológica. Atualmente, a Ciência Cognitiva reconhece três categorias de percepções sensoriais, quais são: a exterocepção, a interocepção, e a propriocepção. A exterocepção é a percepção do corpo do ambiente externo através dos receptores (exteroceptores: ouvidos, olhos, nariz, língua e pele), a qual detecta os respectivos estímulos externos que percebem o som, a forma, o odor, o gosto, e o tato. Esta é a única forma de percepção sensorial e física conhecida peles especuladores antigos. A interocepção é a capacidade do cérebro de sentir as sensações internas do corpo, tais como a dor, a fome, a sede, o cansaço e o estresse. E finalmente a propriocepção, também conhecida por percepção proprioceptiva ou cinestésica (propriocepção), que é a capacidade sensorial de reconhecer a posição e os movimentos de cada parte do corpo. Essa percepção permite manter o equilíbrio em qualquer circunstância e também ajuda a evitar lesões quando praticamos esportes, através dos receptores musculares, tendinosos, articulares e a pele. Também, é a percepção sensorial que nos permite evitar a queda da cama quando dormimos.

Ademais, outra descoberta recente da Neurologia foi a do Sentido de Orientação Espacial, que é a capacidade que o indivíduo tem de situar-se e

orientar-se, em relação aos objetos, às pessoas e ao seu próprio corpo em um determinado espaço. É saber localizar o que está à direita ou à esquerda; à frente ou atrás; acima ou abaixo de si, ou ainda, um objeto em relação a outro. Ou seja, é a capacidade do indivíduo em identificar a sua localização e se locomover de maneira eficaz para algum destino através de decisões tomadas com base em informações espaciais. Esta capacidade sensorial é muito utilizada na prática dos esportes, na prática de reconhecer onde estacionamos o carro, de efetuar manobras quando estacionamos o carro ou quando caminhamos em uma mata fechada sem bússola.

Nos animais, foi descoberta a percepção sonar, também conhecida por ecolocalização, a qual ocorre quando um animal emite uma onda sonora que rebate em um objeto, produzindo um eco que fornece informações sobre a distância e o tamanho desse objeto. Já foram descobertas mais de mil espécies que utilizam da ecolocalização, os mais conhecidos são os morcegos, os quais inspiraram a criação do radar. Muitos são animais noturnos, escavadores e marinhos, os quais dependem da ecolocalização para encontrar alimento em um ambiente com pouca ou nenhuma luz. Os animais possuem diversos métodos de ecolocalização, desde a vibração da garanta até o bater das asas.

Em uma época quando ainda não existiam as Neurociências, consequentemente não se conhecia o papel do cérebro na interpretação dos estímulos recebidos pelos órgãos dos sentidos. Estes receptores não realizam todo o processo de interpretação dos estímulos externos recebidos, esta tarefa é realizada, em grande parte, pelo cérebro, por isso a ocorrência da condição neurológica do cérebro conhecida por Sinestesia, a qual interpreta de diferentes maneiras os estímulos recebidos pelo sistema sensorial, então a

pessoa pode ver sons, ouvir cores ou o paladar das formas, e assim por diante. Em outras palavras, é a confusão neurológica que provoca a percepção de vários sentidos de uma só vez, não é considerada uma doença, pois uma em cada mil pessoas são vítimas desta confusão neurológica. Portanto, em razão do desconhecimento desse fenômeno neurológico, os antigos especulares hindus criaram uma rígida e compartimentada divisão das impressões sensoriais em categorias (tattwas), nas quais as relativas aos sentido são os tanmātras: som, forma odor, gosto e tato, e os respectivos órgãos receptores, gnānendriyas: ouvidos, olhos, nariz, língua e pele.

2.7. A Ignorância sobre Emanação

E mais adiante; “Deixa-nos considerar os Cinco Elementos, um por um. O ser vivo tem o primeiro elemento, a Terra, como sua base” (BABA, 2002b:02). Nestas frases, ele está se referindo à Terra, não como o planeta, mas sim como o solo, como um elemento da natureza, tal como os outros que serão mencionados em seguida (água, fogo, vento e éter). Bem, dizer que o elemento terra é a base dos seres vivos não é uma afirmação muito clara, tampouco precisa. Por exemplo, os animais marinhos não tem a terra como base, pois vivem na água, tampouco as aves, as quais permanecem grande parte das suas vidas voando pelo ar. Em seguida, ele disse: “Água, o segundo (elemento) é a base para a Terra. A água é produzida do Fogo”. Ora, dizer que o fogo é capaz de produzir a água é uma infantil ignorância química, pois, ao contrário, é a água que é capaz de apagar o fogo. Se assim fosse, a água utilizada pelos bombeiros, para apagar incêndios,

produziriam ainda mais fogo, ao invés de apagar.[30] E mais, “O terceiro elemento, o Fogo, emana do Vento, o quarto (elemento)”. Ora, afirmar que o “fogo emana do vento” é outra infantilidade própria para ser contada para uma criança à noite na hora de dormir. Como poderia o fogo emanar do vento, sendo que, o próprio vento, em muitas circunstâncias, apaga o fogo? Quando desejamos apagar o fogo de uma vela, basta soprar. Mais ainda: “O Vento ou Vāyu surge do Éter, ou Akāsha. Akāsha emerge da Natureza Primordial...” (Idem: 02). Em sentido sideral, o vento é o deslocamento de gases atmosféricos em grande escala causado por diferenças na pressão atmosférica, portanto o vento não existe somente na Terra, a atmosfera de outros planetas também produz ventos (Vênus, Júpiter, Netuno, etc.). Em sentido terrestre, quando uma região da Terra aquece, a pressão atmosférica nessa região diminui e o ar elava-se. Isto cria uma diferença na pressão atmosférica, fazendo com que o ar envolvente, mais frio, se desloque da área de maior pressão para a área de menor pressão. De modo que, o vento é causado por diferença na pressão atmosférica deslocando-se da área de maior pressão para a área de menor pressão. Estas diferenças são o resultado do aquecimento heterogêneo da atmosfera. Assim sendo, o vento (vāyu) não é uma substância proveniente de outra substância, o Éter (akāsha), mas simplesmente o deslocamento em grande escala de uma substância, o ar, conforme a pressão atmosférica.

Também, é preciso esclarecer que o éter (akāsha) dos hindus é uma substância imaginária, pois

---

[30] Existem frases populares para exemplificar quando algo, ao invés de solucionar, piora mais ainda, que são as seguintes: “apagar o incêndio com fogo” ou “secar a roupa com água”.

pesquisas científicas subsequentes revelaram que, aquilo que os hindus atribuíam ao éter, não existia ou eram outras substâncias e outras forças antes desconhecidas (molécula, átomo, partícula subatômica, neutrino, eletromagnetismo, gravidade, raio ultravioleta, radiação, raio gama, eletricidade e, mais recentemente, a teoria da existência da matéria e da energia escuras). O termo sânscrito akāsha é comumente traduzido por éter. Este último, na física ocidental, até pelo menos no século XIX, era entendido como uma substância de grande elasticidade e sutileza, a qual compenetrava o espaço estelar e planetário, não apenas preenchendo os espaços interplanetários, mas também os espaços intermediários entre as partículas do ar e as outras matérias na Terra, o meio pelo qual as ondas de luz se propagavam. No entanto, há uma diferença, akāsha não está, para os hindus, associado à luz, mas sim ao som, o meio pelo qual o som se propaga. Semelhante ao éter ocidental, akāsha também significa espaço etéreo e é as vezes substituído por antariksha (atmosfera), o espaço entre a Terra e o Céu. Mas, como um dos Cinco Elementos (Mahābhūtas), ele é concebido como uma substância sutil e penetrante, preenchendo os intervalos entre as partículas da matéria na Terra. Na cosmologia aristotélica, o universo se dividia em duas regiões: o mundo sublunar e o mundo supralunar. A primeira região (sublunar) cobria a Terra e o ar até a Lua e era composta pelos quatro elementos (ar, fogo, água e terra). Na segunda região (supralunar), os corpos celestiais moviam naturalmente em movimentos eternos, uniformes e circulares, sem estarem sujeitos às leis terrestres. As estrelas, os planetas e as esferas celestiais eram compostos de uma espécie de matéria inteiramente diferente, isto é, o éter, a substância divina ou o quinto elemento (quintaessentia). Diferente da

matéria do mundo sublunar, o éter celestial era puro e incorruptível (BOTELHO, 2020, 07n).

Atualmente, a Física e a Química sabem, com certeza, que este éter não existe, foi uma conjetura criada pelos antigos especuladores, na falta de conhecimento para explicar a causa de muitos fenômenos. Ademais, o que entendemos hoje sobre a Natureza Primordial é muito diferente do que os antigos especuladores hindus conjeturavam. O conhecimento dos antigos hindus sobre a geração do universo era muito primário e muito reducionista, e Sai Baba ingenuamente acreditava na criação do universo a partir de três elementos, o Fogo, a Terra e o Vento. “Toda a criação é nada mais que a permutação e a combinação destes três (elementos)” (BABA, 2002b: 71). Ora, o vento não possui poder de criar outras substâncias, os poderes de criação do vento são os de criar impulso para as velas dos barcos, para mover moinhos, para produzir energia eólica, para erguer pipa no ar, etc., ou seja, para mover coisas já criadas. Seu poder de criação mais forte é o de criar transtorno aos moradores das regiões atingidas por tempestades, por ciclones e por furacões.

A interpretação menos literal destes Cinco Elementos, entende que esses elementos representam simbolicamente a matéria no estado sólido (terra), no estado líquido (água), no estado gasoso (ar ou vento), no estado luminoso (fogo) e no estado etéreo (akāsha). Mesmo assim, esta interpretação não explica como a matéria líquida (água) surge da matéria luminosa (fogo), tampouco como a matéria luminosa (fogo) surge da matéria gasosa (ar ou vento) ou como a matéria gasosa (vento) surge da matéria etérea (akāsha).

2.8. A Ignorância sobre Etimologia Sânscrita

Em um discurso de 20 de maio de 1990, Sai Baba tentou ensinar a etimologia da palavra sânscrita देह deha (corpo) da seguinte maneira: "Dahyati iti dehah (o corpo é aquilo que está queimado). Este é o significado derivado da palavra deha (corpo)". A frase दह्यति इति देह - dahyati iti dehah não significa "o corpo é aquilo que está queimado", esta é uma tradução inventada por Sai Baba, a fim de chegar no significado que ele desejava, qual seja, a de encontrar uma propriedade pejorativa para o corpo. Dahyati iti dehah significa "assim, o corpo é (ou está) queimado", bem como, o termo देह deha (corpo) não deriva do verbo दह् dah (queimar), não é possível encontrar esta etimologia nos livros de gramática, nos sites e nos dicionários consultados, apenas são duas palavras ortograficamente próximas, portanto esta etimologia foi uma invenção de Sai Baba. देह deha (corpo) deriva da raiz verbal दिह् dih, a qual significa "ungir" (APTE, 1978: 512).

Em uma passagem do Gītā Vāhīnī, Sai Baba traduziu a palavra आधेय ādheya por: "a inteira criação baseada nos cinco elementos" (BABA, 2002a: 23). Não é possível encontrar a palavra ādheya neste sentido nos dicionários e nos glossários. O termo आधेय ādheya deriva da raiz verbal आधा ādhā, que significa "colocar", "por", "depositar", portanto आधेय ādheya significa "a ser depositado", "a ser colocado", "a ser prometido" ou "a ser hipotecado" e outros significados que não correspondem à "criação a partir dos cinco elementos". Ademais, é um reducionismo extremo e ingênuo, diante da avançada cosmologia atual, considerar que a inteira criação é baseada apenas nos cinco elementos (terra, água, fogo vento e éter). Estes cinco elementos não são a causa da criação, tampouco a base, portanto a criação não é baseada neles, ao contrário, eles são efeitos da criação. Quando estudamos as especulações antigas, uma das

mais comuns e notáveis diferenças com a pesquisa científica atual são que, muitas ideias que os antigos especuladores atribuíam como causa, com o tempo, descobriu-se que estas eram efeitos, e não causas.

2.9. Conclusão

Bem, é preciso parar por aqui, pois se reunirmos todas as absurdidades ditas por Sai Baba, será preciso uma enciclopédia com vários volumes para incluir a totalidade. No entanto, o coletânea acima é suficiente para o leitor obter a noção de como alguém, com tão pouca escolaridade e com tão escasso preparo intelectual, que ousou escrever e discursar tanto, foi capaz de atrair a veneração de tantos admiradores e devotos, incluindo políticos, acadêmicos, artistas, juristas e até cientistas. Sai Baba foi um fenômeno muito curioso, para não dizer excepcional, pois, foram poucos gurus que alcançaram o que ele alcançou. Se acreditarmos nas estatísticas dos seus seguidores, no auge da sua popularidade, a sua missão chegou a ter 50 milhões de seguidores pelo mundo. Porém, agora, após a sua morte, sua gigantesca Nilayam Prasanti parece agora uma cidade fantasma, tal como mostram os vídeos publicados por Robert Priddy. Algumas edificações estão sendo transformadas em outras atividades por falta de interessados. O número de sites de divulgação da sua mensagem, que foram milhares no passado, agora foram reduzidos a alguns poucos (ver: PRIDDY, 2015). Na cidade onde resido, existiram cerca de dez grupos de devotos de Sai Baba, no auge da popularidade, agora só é possível encontrar o site de apenas um grupo na web.

A observação de Norris W. Palmer, a partir de sua experiência de convívio com seguidores de Sai Baba em Estocolmo, de que: “Embora o mundo deles seja encantado, seus seguidores não podem ser

simplesmente descartados como pessoas ingênuas; eles vêm de todas as esferas da vida e são frequentemente pessoas inteligentes, bem posicionadas e maravilhosamente graciosas, dedicadas a melhorar a si mesmas e ao mundo ao seu redor" (PALMER, 2005: 119). Esta é uma opinião pessoal, portanto relativa de um observador para outro, uma vez que outros que conviveram com seguidores de Sai Baba extraíram opiniões diferentes sobre suas experiências de convívio. Que alguns de seus seguidores são pessoas inteligentes e bem posicionadas socialmente e financeiramente, é um fato, entretanto, suas inteligências apenas funcionam plenamente em assuntos extra religiosos, ou seja, em ocupações mundanas, enquanto que, diante dos assuntos religiosos, eles são ingênuos e crédulos, em virtude do deslumbramento e da fascinação. Em outras palavras, eles são inteligentes diante dos assuntos mundanos, mais ingênuos diante dos assuntos religiosos.

O lado elogiável do trabalho de Sai Baba foi o seu empreendimento filantrópico, com o proveito das milionárias doações que recebia para a fundação de escolas e de hospitais. Suas escolas e o hospital são referências na Índia. Ele continuamente pregou a necessidade do serviço ao próximo, sobretudo aos mais necessitados. Ele construiu um reservatório de água encanada para milhares de habitantes de aldeias muito pobres. Ele fez tanto que, alguns de seus admiradores dizem que "ele fez tudo aquilo que o governo da Índia não fez". Este é o legado admirável de Sathya Sai Baba. Entretanto, desde uma perspectiva mais geral, ele foi um enorme exemplo de como a fraude é capaz de se transformar em benefícios para a população.

Então, com o exposto acima, fica a pergunta na mente do leitor: será que, após tantos séculos de progresso do conhecimento, a humanidade mereceria a

vinda de um deus encarnado com um grau de inteligência abaixo da média mundial? A rigor, deus deveria vir, nos dias de hoje, com uma capacidade intelectual acima do estágio alcançado pela inteligência humana, do contrário não seria deus. Se Sai Baba foi deus realmente, deveria vir com um grau de conhecimento acima do conhecimento atual, pois um deus que aparece aqui, com o grau de inteligência abaixo da média mundial, teria mais para aprender do que para ensinar. Tal como a maioria dos religiosos, ele também foi um homem fisicamente nos séculos XX e XXI, mas intelectualmente na Antiguidade e na Idade Média. Em virtude da precariedade da sua formação escolar, do seu apego às tradições religiosas e do seu desprezo pela evolução cultural da humanidade, ele foi incapaz de perceber a obsolescência das ideias e das práticas que ensinava.

Quando alguém passa a pensar, com convicção, que a realidade é aquilo que ele acredita, a racionalidade passa para um segundo plano, servindo tão somente para fundamentar as crenças. Alcançado este estágio de credulidade, todos os eventos são interpretados primeiro pelos olhos da crença, antes de qualquer intelecção, de modo que a inteligência se transforma tão somente em um agente coadjuvante, apenas para justificar a crença. Ou seja, os olhos da credulidade funcionam como um filtro mental, isto é, passa a crença e fica a racionalidade. Portanto, é nesta hora que o crédulo passa a viver em um mundo encantado, onde o encantamento é o protagonista, então a cientificidade é sobrepujada pela irracionalidade. Sendo assim, é neste estágio também que o devoto fascinado se torna incapaz de perceber os maiores absurdos acontecendo diante dos seus olhos, em razão da rejeição racional. Alguns destes devotos precisam de muitos solavancos para então despertarem da absurdidade na qual estão envolvidos, dependendo

da intensidade, muitos não são despertos com estes solavancos e terminam suas vidas como devotos ou líderes. Outros chegam ao ponto de acreditarem que: “Mesmo que esteja fazendo algo que pareça imoral ou ruim, ele (Sai Baba) está fazendo isso com um propósito e, portanto, não pode ser questionado. O erro e a inadequação é rebaixar Deus ao nível humano, por isso devemos aceitar Sai Baba como Deus ou não aceitá-lo” (MÁRQUEZ, 2000: 47). Ademais, não é apenas o motivo crédulo que segura os devotos, existem também os motivos políticos, financeiros, profissionais, empregatícios e de dependência, ou seja, aqueles que extraem vantagem com a filiação ou precisam da mesma, de modo que, para tanto, alguns até fingem que são devotos.

Enfim, concluindo, Sathya Sai Baba foi, com grandes chances de acerto, um dos mais claros exemplos na história, de como a credulidade é capaz de ofuscar a inteligência.

Obras Consultadas

APTE, V. S. *The Practical Sanskrit-English Dictionary*, Delhi: Motilal Banarsidass, 1978.

BABA, Bhagavan Sri Sathya Sai. *Geetha Vahini: The Divine Gospel*. Prasanthi Nilayam: Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, 2002a.

_____ *Upanishad Vahini: Essence of Vedic Knowledge*. Prasanthi Nilayam: Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, 2002b.

BABB, Lawrence A. *Redemptive Encounters: Three Modern Styles in the Hindu Tradition.* Berkeley: University of California Press, 1991, pp. 157-201.

BAGGOTT, Jim. *Origins: The Scientific Story of Creation*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

BASHAM, A. L. *The Wander That Was India*. Calcutta: Fontana Books/Rupa & Co., 1981.

BELLAH, Robert N. *Religion in Human Evolution: from the Paleolithic to the Axial Age*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2011.

BRERETON, Joel P. and Stephanie W. Jamison (trs.).*The Rigveda: The Earliest Religious Poetry of India* (3 volumes). Oxford/New York: Oxford University Press, 2014.

BOTELHO, Octavio da Cunha. *The Obsoletism of Enumerative Speculation in Samkhya System.* December 2020, Eletronic Edition. DOI:10.13140/RG.2.2.13046.42565

_____ *Os Fantasiosos Movimentos do Sol nos Purānas*. Edição Eletrônica, Fevereiro 2021. DOI: 10.13140/RG.2.2.15246.28486

_____ *Īshāvasya Upanishd: com Texto Devanāgarī, Transliteração, Tradução Comparada (com decomposição de palavra por palavra), Notas Críticas e Estudos Introdutórios.* Edição Eletrônica, 2022.

DOI: 10.13140/RG.2.2.31051.87849

BROOKE, Tal. *Lord of the Air: Tales of a Modern Antichrist*. Eugene: Harvest House Publishers, 1990.
CHRISTIAN, David. *Maps of Time: Introduction to Big History*. Berkeley: University of California Press, 2004.
COHEN, Signe (ed.). *The Upanisads: A Complete Guide*. London/New York: Routledge, 2018 (Eletronic Edition).
ERDOSY, George (ed.). *The Indo-Aryans of Ancient South Asia: Language, Material Culture and Ethnicity.* New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 1997.
HARALDSSON, Erlendur. *Modern Milacles: an Investigative Report on Psychic Phenomena Associated with Sathya Sai Baba*. Mamoroneck: Hastings House Book Publishers, 1987.
KASTURI, N. *Sathyam Sivam Sundaram: a Vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba*, vols. I, II, III e IV. Rio de Janeiro: Fundação Bhagavan Sathya Sai Baba do Brasil, 2008.
LANGMUIR, Charles H. and Wally Broecker. *How to Build a Habitable Planet: The Story of Earth from the Big Bang to Humankind.* Princeton: Princeton University Press, 2012.
LLEWELLYN, J. E. (ed.). *Defining Hinduism: A Reader*. London/New York: Routledge, 2005.
MÁRQUEZ, L. Enrique. *Sri Sathya Sai Baba, decadencia y caída de um Imperio Religioso?* en *El Escéptico*, otoño-invierno 2000, pp. 42-7.
NARASIMHAMURTHY, B. N. *Sathyam Sivam Sundaram: a Vida de Bhagavan Sri Sathya Sai Baba*, vol. V. Rio de Janeiro: Fundação Bhagavan Sathya Sai Baba do Brasil, 2008.
PALMER, Norris W. *Baba's World: A Global Guru and his Movement* in *Gurus in America*, Thomas A. Forsthoefel and Cynthia Ann Humes (eds.). Albany: State University of New York Press, 2005, pp. 97-122.

SARGEANT, Winthrop. *The Bhagavad Gītā*. Albany: Excelsior Editions/State University of New York Press, 2009.
SRINIVAS, Tulasi. *Sathya Sai Baba* in *Brill's Encyclopedia of Hinduism*. Knut A. Jacobsen (ed.). Leiden/Boston: Brill, 2013, pp. 625-33.
TELANG, K. T. *The Bhagavadgītā with the Sanatsujātīya and the Anugītā*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 1998.
WITZEL, Michael. *Early Sanskritization: Origin and Development of the Kuru State* in *Eletronic Journal of Vedic Studies* (EJVS), volume 01, issue 04, 1995.

Web

BAILEY, David. *The Findings: Personal Experience*. https://www.saiguru.net/english/personal_exp/01findings.htm
BOTELHO, Octavio da Cunha. *25 de Dezembro, uma Data Escolhida para o Nascimento de Jesus* em *Observador Critico das Religiões*, 05/01/2014. https://observadorcriticodasreligioes.wordpress.com/2014/01/05/25-de-dezembro-uma-data-escolhida-para-o-nascimento-de-jesus/
DATTA, Tanya. *Sai Baba: God-man or Con Man*? in *BBC News*. 17 June 2004. http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/this_world/3813469.stm
DOKTER, Chris. *Breaking Down the Wall of Silence: Me Too* in *Mind Your Mind*, April 28, 2023. https://chrisdokter.wordpress.com/2023/04/28/relifting-the-veil-of-secrecy-me-too/
GOLDBERG, Michelle. *Untouchable*? in *Salon*. July 25, 2001. https://www.salon.com/2001/07/25/baba/

PRIDDY, Robert. *Satya Sai Baba's Lunar Age 96*, May 09, 2011a. https://robertpriddy.wordpress.com/2011/05/09/sathya-sai-babas-lunar-age-once-again/

_____ *Sai Baba Age*. May 27, 2011b. https://robertpriddy.wordpress.com/tag/sai-babas-age/

_____ *Sathya Sai Baba anniversary of death April 24, 2011*. April 23, 2015 https://robertpriddy.wordpress.com/

THE TIMES OF INDIA. *More Gold Found in Sai Baba's Room*, July 20, 2011. https://timesofindia.indiatimes.com/india/More-gold-found-in-Sai-Babas-room/articleshow/9290417.cms

Videos

Para conhecer como os fraudulentos milagres de Sai Baba não eram mais do que banais truques de mágicos principiantes, consultar: https://www.youtube.com/watch?v=RMgUSBPwt34

Para um dos vídeos que melhor revela as fraudes nas materializações, consultar https://www.youtube.com/watch?v=r8PpfsQRpgk&ab_channel=NoEalamInSLSriLanka

Para assistir na íntegra o documentário *The Secret Swami Sathya Sai Baba*, produzido pelo canal BBC, lançado em 2004, consultar: https://www.youtube.com/watch?v=Q3Dpovk8KRA&list=PLi_GwJKsdKzdwZcYzgZKllZdgBebImqYj&ab_channel=guanchang00

Reportagem do canal indiano NDTV sobre a descoberta do tesouro nos aposentos de Sai Baba: https://www.youtube.com/watch?v=wQJWEqlI-Es&ab_channel=NDTV